



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**PAULA VITÓRIA DE OLIVEIRA TELES**

**ARANDO TERRA E SEMEANDO VIDA: corpo e corporeidade de mulheres rurais.**

**MANAUS/AM  
2024**



**PAULA VITÓRIA DE OLIVEIRA TELES**

**ARANDO TERRA E SEMEANDO VIDA: corpo e corporeidade de mulheres rurais.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Processos psicológicos e saúde

Orientador: Dr. Ewerton Helder Bentes De Castro

**MANAUS/AM  
2024**

# FICHA CATALOGRÁFICA

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

T269a Teles, Paula Vitória de Oliveira  
Arando terra e semeando vida: corpo e corporeidade de mulheres rurais. / Paula Vitória de Oliveira Teles . 2024  
120 f.: 31 cm.

Orientador: Ewerton Helder Bentes de Castro  
Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicológicos e Saúde) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Mulheres rurais. 2. Corporeidade. 3. Corpo. 4. Fenomenologia.  
5. Merleau-Ponty. I. Castro, Ewerton Helder Bentes de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**TELES, P. V. O. ARANDO TERRA E SEMEANDO VIDA:** corpo e corporeidade de mulheres rurais. 118 f. Dissertação Universidade Federal do Amazonas. Orientador: Dr. Ewerton Helder Bentes De Castro. Manaus – Amazonas.

Aprovado em: 30/09/2024

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro - Presidente  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Socorro de Fátima Moraes Nina – Membro Interno  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joanneliese de Lucas Freitas – Membro Externo  
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico essa pesquisa a minha mãe, irmã, avó Leonor e a todas mulheres que existem e resistem dentro do espaço rural em seus trabalhos com a terra.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, que me guia com muita fé e esperança durante toda a minha trajetória de vida.

A minha família, em especial minha mãe Jucilene, todo o carinho e incentivo que me proporcionou, assim como meu pai José Raimundo, que sempre me apoiou em minhas decisões.

À minha irmã Viviane, pelo esforço e palavras de apoio. Sem vocês, não teria como começar a dizer quem eu sou, pois vocês, nunca mediram esforços para me ver voando e ao mesmo tempo me aplaudir por quem sou e me tornei.

Ao meu parceiro, Roberto por todos acalantos e cuidados, você se mostra amparo em todo meu percurso profissional e acadêmico, assim como, na vida, obrigada por tanto. As nossas filhas pets, Frajola e Lule, por toda vez que ficaram comigo no escritório me acompanhando nos dias de escrita e nos dias de leitura.

Ao meu orientador Ewerton Helder, por ser um dos primeiros autores brasileiros em que pude ter contato com a fenomenologia e me sentir lançada, além de todo seu apoio no percurso da dissertação.

A minha amiga Nadyne, que através dessa estrada do mestrado esteve comigo nas turbulências, pousos e chegadas, em forma de acolhimento e amizade.

Aos meus amigos, que sempre indiretamente ou diretamente prestaram incentivo no percurso do mestrado.

Ao projeto SUPER, por possibilitar experiências e suporte durante meu caminho no mestrado.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

As participantes dessa pesquisa: Jenipapo, Buriti, Jambo, Pupunha, Tucumã, Macaxeira, Cupuaçu e Açaí, que são tão autoras quanto eu.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo apoio ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (PPGPSI-UFAM).

## EPÍGRAFE

*“Justamente porque pode fechar-se no mundo, meu corpo é também aquilo que me abre ao mundo e nele me põe em situação” (Merleau-Ponty, 2011, p.229).*

## RESUMO

A pesquisa de gênero em áreas ribeirinhas, camponesas e rurais tem sido pauta na última década em nosso país. Pesquisadores têm se debruçado sobre a temática e trazido à academia questionamentos acerca da inserção da psicologia, enquanto área do saber, nesse contexto sociocultural e histórico. Contudo, a produção científica ainda é considerada incipiente, principalmente na Amazônia, provavelmente por suas dimensões continentais e as dificuldades inerentes à própria região. Torna-se premente conhecer e reconhecer a pluridimensionalidade da vivência de trabalhadoras rurais amazônicas e a possível invisibilidade de seu trabalho enquanto mulher rural. O objetivo desta pesquisa é compreender a percepção de mulheres rurais sobre o espaço do corpo e o trabalho rural sob a ótica da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty com algumas pontuações de Simone de Beauvoir. É uma pesquisa sob a perspectiva qualitativa e o método utilizado foi o fenomenológico de pesquisa em Psicologia. Os instrumentos de pesquisa foram a entrevista fenomenológica que partiu de uma questão norteadora, seus desdobramentos e o Diário de Campo. A análise das entrevistas considerou o método fenomenológico-psicológico de Amedeo Giorgi. As participantes foram 08 mulheres rurais residentes em ramais na estrada do Município de Manacapuru, no estado do Amazonas. Como resultados foram obtidas três categorias: 1. “Mulher-rural-amazônica”, 2: “Trabalho: plantar, colher e cuidar” e 3: “Corporeidade na mulher-rural. Conclui-se que as mulheres rurais amazônicas percebem seu corpo como via de movimento para o fazer rural e, ao mesmo tempo, compõe-se a partir de dois espaços onde desenvolvem seu fazer laboral, o doméstico e o rural. E, nesse ínterim, lutam para sair da invisibilidade na qual muitas vezes são lançadas e a comunidade é o meio a partir do qual seu trabalho se torna reconhecido. Literalmente, da im-possibilidade se fazem possibilidade, conquanto um corpo que muitas vezes é discriminado por ser-mulher, ser agricultora, ser nortista, ser-amazônica. Entretanto, ela se torna mulher com tudo o que aí está implicado.

**Palavras-chave:** Mulheres Rurais; Corporeidade; Corpo; Fenomenologia; Merleau-Ponty.

## ABSTRACT

Research on gender in riverside, peasant, and rural areas has become a relevant topic in our country over the past decade. Researchers have delved into this theme, bringing to academia questions about the integration of psychology, as an area of knowledge, within this sociocultural and historical context. However, scientific production is still considered incipient, especially in the Amazon, likely due to its vast dimensions and the region's inherent difficulties. It is crucial to recognize the multidimensionality of the experiences of Amazonian rural women workers and the possible invisibility of their labor as rural women. The objective of this research is to understand rural women's perceptions of bodily space and rural work through the lens of Maurice Merleau-Ponty's phenomenology, with some insights from Simone de Beauvoir. This study is conducted from a qualitative perspective, using a phenomenological method in psychology. The research instruments included a phenomenological interview guided by a central question and its developments, as well as a Field Diary. The interview analysis followed Amedeo Giorgi's phenomenological-psychological method. The participants were eight rural women residing in hamlets along the road to the Municipality of Manacapuru in the state of Amazonas. Three categories emerged as results: (1) "Amazonian-Rural-Woman," (2) "Work: planting, harvesting, and caregiving," and (3) "Embodiment in the rural woman." The conclusion drawn is that Amazonian rural women perceive their bodies as a means of movement in rural labor. At the same time, they navigate two spaces in their work—domestic and rural. Amidst these realities, they fight to overcome the invisibility into which they are often cast, with community serving as the means through which their work gains recognition. From "im-possibility," they create "possibility," embodying a resilience often marginalized for being a woman, a farmer, a Northerner, and an Amazonian. Yet, in doing so, they become "women" in every sense that entails.

**Keywords:** Rural Women; Corporeality; Body; Phenomenology; Merleau-Ponty.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Passos do método fenomenológico preconizado por Giorgi	48
Figura 02 - Passos do método fenomenológico de investigação em psicologia, segundo Giorgi.	53
Figura 03 – Identificação das Participantes	57

## SUMÁRIO

<b>Pré-reflexiva, entre o balancear da rede e colher na terra. ....</b>	<b>14</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>3. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>24</b>
3.1 O gênero e o ser mulher .....	24
3.2 Ruralidade .....	27
3.3 Ser mulher-rural-trabalhadora .....	30
3.4 A mulher na ruralidade Amazônica .....	34
3.5 Teoria Fenomenológica-Existencial.....	36
3.6 O corpo e a corporeidade .....	42
3.7 Uma pitada de Simone de Beauvoir .....	45
<b>4. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....</b>	<b>48</b>
4.1 Desenho da pesquisa .....	48
4.2 Método fenomenológico .....	48
4.3 Participantes e Local da Pesquisa.....	50
4.4 Procedimentos para coleta de dados.....	52
4.6 Procedimento de análise de dados.....	53
<b>5. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS .....</b>	<b>56</b>
<b>6. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>57</b>
<b>6.1 Mulher-rural-amazônica.....</b>	<b>59</b>
6.1.1 <i>Ser além da terra.....</i>	60
6.1.2 <i>Vou acompanhada, mas sigo só .....</i>	62
6.1.3 <i>Jornadas cruzadas: estou na ativa.....</i>	67
<b>6.2 Trabalho: plantar, colher e cuidar .....</b>	<b>70</b>

6.2.1	<i>Dificuldades inerentes à ruralidade</i> .....	71
6.2.2	<i>A atividade rural é aprendizagem transgeracional</i> .....	74
6.2.3	<i>O trabalho rural me permite ser-com-a-terra</i> .....	76
6.2.4	<i>Comunidade como apoio</i> .....	79
<b>6.3</b>	<b>Corporeidade na mulher-rural: o ser-em-movimento</b> .....	<b>82</b>
6.3.1	<i>Limitações: saúde física</i> .....	83
6.3.2	<i>Corpo que não pode parar!</i> .....	86
6.3.3	<i>Corpo que vai ao encontro a terra</i> .....	88
6.3.4	<i>Cuidados com esse corpo</i> .....	89
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>93</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>100</b>
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>106</b>
	<b>ANEXO I: Roteiro da Entrevista</b> .....	<b>106</b>
	<b>ANEXO II: Termo de Anuência do Centro de Serviços de Psicologia Aplicada</b> .....	<b>107</b>
	<b>ANEXO III: Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa</b> .....	<b>108</b>

### **Pré-reflexiva, entre o balancear da rede e colher na terra.**

Para apresentar essa pesquisa, eu começo pensando em uma Paula, de alguns anos atrás correndo de forma acelerada para pular no rio junto com seus primos, flutuando sobre igarapés, olhando para o céu e tentando decifrar o que as nuvens pareciam. Algumas vezes, tinha uma voz no fundo dizendo: “Saíam do rio, vão fazer alguma coisa, colher fruta para fazer polpa de suco”. Essa voz, era da minha vó, Leonor. Em vários momentos colhendo frutas, tirando polpa de cupuaçu, decifrando qual árvore era e que frutos elas dariam, me percebia cada vez mais no contato com a terra, lançada no meu território, minha ancestralidade, a Amazônia.

Não vim de interior, na verdade, cresci vivenciando uma rotina urbana e nos finais de semanas ou férias, estava no interior. Quando voltarmos para a urbanidade, com várias “sacas” de frutos e verduras, levávamos para vender em feiras, como uma forma de sustento financeiro. Ou seja, aquela terra era uma via de vida, que me amparava, bem como, a minha família. Em minha família, há uma grande proporção de mulheres: feirantes, do lar, da roça. Elas têm um perfil, para muitas pessoas, podem ser descritas como: guerreiras. Para mim, mulheres trabalhadoras.

Partindo do contexto que me vejo lançada no mundo, sempre tive inquietações sobre as pessoas, ora, quando estava durante a semana na cidade, via elas se comportando e agindo de determinada forma e quando ia aos finais de semana para o interior, via de outra maneira. Acreditava e acredito, que as pessoas são parecidas como canais de rios, cada um segue seu caminho dentro de sua própria margem e sua época, tem momentos que são banzeiros, há momentos que são calmaria. Me vejo, buscando a psicologia.

Começo meu encontro com a psicologia, em uma universidade particular, não tinha anseios de entender um divã, mas compreender o balancear de uma rede. O tempo de cada, o

olhar de cada, a percepção. Não preciso dizer, que psicologia social foi acalento e saciedade. Mas mesmo dentro dos muros da faculdade, queria entender mais, principalmente, como trazer uma psicologia para o nosso contexto, amazônico. Me debrucei na psicologia, todos as aulas eram encontros e desencontros de como via a vida e como gostaria de compreendê-la.

Tive a oportunidade de vivenciar vários estágios, desde o 4º período da graduação, percorri pelo atendimento clínico no olhar da orientação analítica, que para mim, ainda gerava algumas inquietações ao olhar o ser humano. Na comunitária em específico com trabalho focado em mulheres e adolescentes, por meio de rodas de conversas, atendimentos psicossociais e dinâmicas em grupos operativos. Passei pela área da saúde, em específico no hospital da mulher e maternidade e finalizei na área organizacional e do trabalho, compreendendo o processo de trabalho e o lugar da organização para o trabalhador, por meio de treinamentos em empresas e recrutamento e seleção. Em paralelo, realizei dois estágios externos remunerados, no âmbito da delegacia e no Tribunal de Justiça do Amazonas, na vara de crimes contra dignidade sexual de crianças e adolescentes.

Destaco, o estágio na área da saúde: Instituto da Mulher Dona Lindu, onde estagiei dentro de um ano, em 2020, ano da pandemia da COVID-19. Inicialmente, foi acolhida pela Psicóloga Priscilla Correa, que era responsável pelas demandas de pacientes que adentravam pela ginecologia, o SAVVIS (Serviço de Atendimento a Vítima de Violência Sexual), gravidez de risco e processo de aborto. Priscilla como minha supervisora, perguntou que abordagem eu utilizava para realizar acolhimento, e no momento respondi que sabia um pouco sobre orientação analítica, mas tinha certas visões que não compreendia tão bem. Então, um belo dia ela me deu um livro: A escuta e a fala em Psicoterapia (Ana Feijoo), levei para casa e me lancei naquele livre, lia como se quisesse mais e de fato, queria!

Meu contato com a fenomenologia aparece e vontade de trabalhar com ela, se desvela. Comecei a ler bastante, cursos e olhares dentro do humanismo e fenomenologia. Um dia, atendendo uma mulher que havia passado pela histerectomia, ela relatava que estava sozinha, sua família era de um município bem distante de Manaus, com as questões de segurança devido a COVID-19, ela optava ficar só, pela segurança de seus familiares. Certo dia em atendimento com ela, perguntei como era estar distante de sua terra e ela respondeu: “Minha filha, é como se eu estivesse distante de mim”. Aquilo me atravessou, chegou em mim de uma forma, que me questionei como se dava esse sentido.

Estava no último ano da faculdade, em 2021 e já tinha finalizado o estágio no hospital, mas aquela inquietação persistia. Com isso, construí meu trabalho de conclusão de curso baseado nesse atravessamento: A percepção de mulheres rurais sobre a pandemia na COVID-19. Queria compreender como era para mulheres dentro de áreas rurais do Amazonas, como vivenciaram o confinamento derivado da pandemia da COVID-19. E fui, peguei barcos, atravessei a ponte do Rio Negro, fui em uma comunidade localizada no Município de Iranduba, há espécies de ramais, como se fossem caminhos que passam pela cidade e criam comunidades adjacentes, dentro de duas delas, São Sebastião e Novo Catalão, realizei a minha primeira pesquisa.

Conhecia as participantes em uma feira na estrada, todas elas eram feirantes, trabalham com produção agrícola ou agricultura. Formei vínculos, comi jaraqui com farinha com elas e ao mesmo, entrava em contato como era ter vivido um confinamento em suas casas. Nos resultados da pesquisa, foi levantado como era a relação do seu corpo dentro do confinamento e exposto na vulnerabilidade da COVID-19. Surge então, um novo desdobramento e inquietação para compreensão.

Tive apoio, de familiares e professores, ao finalizar a faculdade e com a necessidade de me aprofundar mais em pesquisa, em 2022 realizei o processo seletivo no mestrado em psicologia da Universidade Federal do Amazonas, fui aprovada, pelo um autor, que somente lia livros e me ajudava a compreender a fenomenologia, Ewerton Helder, começa-se a partir de agora, uma nova navegação do rio negro, permeado pelo carinho e vontade de falar sobre mulheres rurais e sua relação corpórea no processo do trabalho rural.

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação está interligada ao contexto rural, compreendido como um espaço associado à forma de existência das populações que nele residem. É importante recordar que a área rural é comumente associada a uma imagem de paraíso e seus sinônimos; nesse sentido, o termo “ruralidade” é apresentado como um modo de ser, com movimentos singulares de existência atravessados por processos sociais e históricos (Gomes et al., 2016). Desta forma, a pesquisa discute esses movimentos e a processualidade do existir rural.

A escolha do tema tem como base as vivências da pesquisadora em práticas de psicologia, nas quais, através da escuta psicológica e do acolhimento, foi possível identificar falas de mulheres da zona rural que apresentavam queixas verbais ou não verbais relacionadas à sua corporeidade e ao seu corpo. Durante a tentativa de buscar materiais acadêmicos específicos sobre o tema – mulheres rurais –, observou-se uma contribuição limitada de pesquisas e uma grande lacuna de suporte científico abordando as singularidades e a percepção sobre as mulheres no contexto rural amazônico.

Ao compreender o contexto rural, percebe-se que ele traz consigo vários desafios em relação ao ambiente urbano. Ao se debruçar sobre o papel das mulheres nesse cenário, abre-se espaço para reconhecer suas singularidades, inerentes a esse ambiente (Salvaro et al., 2014). Discutir sobre o espaço rural e sobre as mulheres nele inseridas possibilita novas construções sociais, que conduzem à incorporação de valores e hábitos atravessados por suas experiências de vida.

Reconhece-se, assim, a necessidade de visibilidade dessas mulheres no que tange ao trabalho rural, destacando suas conquistas ao assumirem a autoria na realização de diversas atividades do meio rural e na manutenção familiar. Nesse sentido, é essencial ampliarmos a

produção de conhecimento sobre a participação das mulheres nas propriedades rurais, não apenas como coadjuvantes de seus maridos ou associadas exclusivamente às tarefas domésticas e aos cuidados familiares.

Silva e Mendes (2015) abordam a importância do gênero feminino no contexto rural, enfatizando a mulher como protagonista de seu trabalho e o rompimento com as ideias normativas de papéis de gênero. Ao olhar para essas mulheres trabalhadoras rurais, podemos perceber sua atitude de manutenção e geração de renda para a família, alinhada ao desenvolvimento da agricultura familiar, afastando a visão de que seu espaço está apenas relacionado ao cuidado.

O trabalho dessas mulheres, muitas vezes, é realizado de forma operacionalizada, ou seja, observa-se a repetição contínua desse fazer laboral. Como afirmam Gomes et al. (2016), compreende-se a necessidade desta pesquisa de imergir na corporeidade, no movimento desse corpo, em que a experiência do trabalho se torna história vivida. Assim, o contexto rural transforma-se em um lugar que dá sentido ao mundo dessas mulheres, pois o corpo é um meio de existência, já que é através dele que se percebe e é percebido, compreendendo e aprendendo significados existenciais manifestados corporalmente (Castro, 2017).

Considerando a imbricação das temáticas de gênero e ruralidade, emerge uma gama de problematizações que se desdobram em diferentes contextos. Isso pressupõe a presença de que essas mulheres sejam assistidas de forma mais abrangente, para além do enfoque exclusivo da psicologia urbana. É necessário que contem com o apoio de profissionais cujos conhecimentos sejam compatíveis com as necessidades e características territoriais e que estejam qualificados para discutir com populações rurais.

A inserção das mulheres nesse contexto permite uma atuação no meio rural que rompe com atividades tradicionalmente normativas de gênero. Silva e Mendes (2015) afirmam que é fundamental compreender a importância do trabalho feminino no meio rural, pois isso revela que a atitude adotada frente ao trabalho é uma forma de garantir o desenvolvimento da agricultura familiar. Segundo os autores, o espaço das mulheres é muitas vezes associado ao lar e ao cuidado com a família, enquanto os homens ocupam espaços marcados por feitos grandiosos e autoritários.

Pretendo discutir nesta pesquisa as especificidades experienciadas por essas mulheres rurais diante de seus desafios no campo e seus modos singulares de vivenciar a corporeidade. Minha intenção é contribuir com a comunidade científica da psicologia e áreas afins no que diz respeito às ruralidades e à subjetivação de gênero em mulheres. Ainda que tenha havido grandes avanços na produção de conhecimento e de referenciais profissionais nos últimos anos, a aproximação da psicologia com o contexto rural permanece limitada, especialmente sob a perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty e na integração, ainda inicial, com o pensamento de Simone de Beauvoir.

Neste ponto, é oportuno retomar Maurice Merleau-Ponty, filósofo que aborda o humano a partir das noções de corpo, corporeidade e intersubjetividade. Assim, ao buscar proporcionar espaço no meio científico para a experiência dessas mulheres, a pesquisa se conecta aos seus modos de trabalho. Suas atividades laborais ocorrem de forma manual e operacional, sendo seus corpos o instrumento de trabalho que transita entre o doméstico e o rural e na relação com o outro. Essa perspectiva levou-me a optar pelo método fenomenológico, que busca compreender a essência do vivido a partir da fala do outro. Nesse processo, o conhecimento psicológico emerge como reflexão e vivência, proporcionando um espaço de descobertas e significações no contato

intermediado pelo método, onde os três constructos mencionados inicialmente se tornam fundamentais.

Este estudo, iniciado durante minha graduação e conduzido com mulheres no meio rural, explora suas percepções relacionadas à corporeidade e visa contribuir com a comunidade científica e os profissionais da psicologia, permitindo a criação de estratégias para que essas mulheres contem com o apoio de profissionais qualificados para lidar com seus desafios no meio onde vivem. Assim, surgiram questionamentos norteadores desta pesquisa: “Qual a percepção das mulheres rurais sobre seu corpo como instrumento de trabalho? Como é ser mulher trabalhadora rural?”

Com base na fenomenologia de Merleau-Ponty, especialmente em Fenomenologia da Percepção (1945/2011), busquei compreender a dimensão ou as dimensões presentes na vivência da corporeidade dessas mulheres trabalhadoras rurais. Adotei a perspectiva do corpo como potencialidade, já que são as experiências cotidianas desse corpo, tanto na esfera relacional quanto na laboral, que possibilitam modificar suas percepções sobre si mesmas e o contexto sociocultural no qual estão inseridas: o mundo rural.

Para a compreensão e estudo de tais levantamentos, utilizo, como dito anteriormente, o corpus teórico de Maurice Merleau-Ponty (2011) que compreende o corpo como o veículo do ser, base e destino para o mundo, a corporeidade resultado da ação e atitude desse corpo sobre si mesmo e em sua relação com o mundo e a intersubjetividade. A perspectiva cartesiana, como sabemos, é pautada na perspectiva de que o corpo é meio de sensibilidade e sentido para irracionalidade. Contudo, o filósofo do corpus como o autor é reconhecido, contrapõe esta assertiva ressaltando que é através desse corpo que são vivenciadas, sentidas e percebidas as experiências cotidianas. Daí, considerar o movimento corporal como o elemento base para a

compreensão da relação ser humano-mundo lançado no mundo. Esse movimento, nominado corporeidade, perpassa pelo nosso próprio ser-no-mundo, proporcionando abertura para nos colocarmos neste mundo. Esta é uma das premissas da perspectiva fenomenológica merleau-pontyana.

Utilizar o método fenomenológico é compreender sua premissa de ser descritivo, exploratório e reflexivo, uma vez que, está baseado na tentativa de entender, reflexivamente, a inserção do ser humano no mundo, de uma maneira coparticipativa e atribuindo sentido a esse mundo, não se percebendo apenas pelo olhar físico e psíquico sobre si e os objetos, mas sim, a existência humana enquanto possibilidade. Desse modo, o objetivo da pesquisa foi compreender a percepção de mulheres rurais sobre a espacialidade do corpo e o trabalho rural sob a ótica da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, corpo, corporeidade e intersubjetividade. Além de conhecer como o trabalho está sendo vivenciado no cotidiano das mulheres rurais, identificar estratégias de visibilizar ser mulher provedora de renda da família e entender as percepções das mulheres no âmbito rural no processo de corporeidade e trabalho. A pesquisa propriamente dita, inicia a partir da seguinte questão norteadora: “Como é ser mulher trabalhadora rural?” o que permitiu que pudesse mergulhar na historicidade e compreensão do ser-si-mesma de mulheres rurais no Amazonas. Contudo, é mister abrir um parêntese neste momento. A partir do momento em que entrei em contato com a produção literária de Simone de Beauvoir, cujo cerne, principalmente em sua obra máxima, *O Segundo Sexo* (2019), em seus dois volumes, *Fatos e Mitos* e *A experiência vivida*; *Balanço Final* (2021); *Memórias de uma moça bem comportada* e *A força da idade* (2022), tomei a liberdade de inseri-la em minhas discussões que, a meu ver, são de extrema importância para a compreensão desse ser-mulher-rural, tendo em vista que, essa

autora redimensiona o olhar sobre o ser-mulher que, a meu ver, encontra com minha perspectiva de compreensão.

### 3. REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1 O gênero e o ser mulher

Pizzinato et al. (2015) discutem a questão do gênero vinculada às atribuições de caráter biológico no Ocidente, em particular aos valores pré-concebidos a partir da estrutura familiar nuclear do século XVIII, onde a reprodução sexual visava à manutenção do status quo familiar e das formas de viver em sociedade.

Seguindo uma lógica binária e um modelo hegemônico de ser, o homem é colocado na posição de realizar atividades plenas e substanciais, em comparação às mulheres. Ao discutir sobre gênero, é essencial refletir sobre sua compreensão como uma construção performática, manifestada por meio de atos que constituem o ser, permitindo desconstruir a ideia de gênero como algo intrínseco ao indivíduo e entendendo-o como um "fazer" contínuo (Trzán-Ávila, 2019).

Quando se fala sobre o gênero feminino, muitas vezes ele é compreendido em sua constituição "performativa", demonstrada nas relações interpessoais, econômicas e estilos de vida, em interseção com relações familiares e questões de classe. Nota-se que essa temática é atravessada pela questão de poder, o que caracteriza seu caráter interseccional (Gomes et al., 2016).

Pizzinato et al. (2015) destacam que as questões de gênero estão ligadas a expectativas e possibilidades culturais que desafiam a visão popular sobre a caracterização de homens e mulheres baseada unicamente no biológico. Com isso, surge a possibilidade de discutir o significado de “ser homem” e “ser mulher” além da mera simbolização do corpo.

Muitas vezes, esses discursos, manifestos por meio de estereótipos, são reproduzidos pelas próprias mulheres como forma de afirmação ou expressão, perpetuando na sociedade a

relação de superioridade de um gênero sobre o outro e fazendo com que o feminino continue reproduzindo discursos construídos e representados em várias esferas, como uma mulher “acorrentada”. Refletindo sobre o ser-mulher, Beauvoir (1967/2019, p. 489) nos oferece uma perspectiva sobre o olhar masculino da época: “Quanto tempo e forças desperdiça para liquidar, sublimar, transferir complexos, falando das mulheres, seduzindo-as, temendo-as! Libertá-lo-iam, libertando-as. Mas é precisamente o que receia. Obstina-se nas mistificações destinadas a manter a mulher acorrentada”. Ou seja, o feminino sempre em detrimento do masculino.

No que se refere à temática desta pesquisa, Herrera (2016) ressalta que, mesmo diante da desigualdade de gênero, as mulheres desempenham papel fundamental relacionado a estratégias de manutenção e reprodução no âmbito da agricultura familiar, com atividades associadas à família, ao bem-estar e à preservação ambiental. Esse olhar abrange as atividades domésticas e o cuidado cotidiano, considerados constituintes da experiência do ser-mulher-rural.

De acordo com Schneider et al. (2020), a produção familiar está interligada a vínculos familiares e à dinâmica do trabalho. Diante disso, é importante analisar a relação de gênero para entender a realidade dessas mulheres no meio rural. Ao observar os avanços em relação aos papéis sociais femininos, percebe-se a multiplicidade de lutas por direitos e a consequente emancipação.

Atualmente, a representatividade feminina tem sido continuamente ampliada, considerando modos de apropriação do ser-mulher que são pluridimensionais e diretamente relacionados à pluriatividade e autonomia para exercer maior circulação e promover vida social em contextos urbanos. Contudo, nas práticas observadas nesta pesquisa, ainda prevalece um pensamento tradicional (Gomes et al., 2016).

A composição familiar dessas produções geralmente envolve homens e mulheres com diferentes características e modos de percepção do entorno, e a divisão de trabalho na produção é marcada pelo gênero, determinando as atividades do homem, da mulher e dos filhos e filhas (Schneider, 2020). Lopes et al. (2018) destacam que existem muitos preconceitos direcionados a homens e mulheres no meio rural, considerando-se uma visão idealizada do rural como harmonioso e sem conflitos. Esse estereótipo associa essas pessoas a uma imagem de atraso; assim, ao falar sobre o rural, é necessário considerar uma pluralidade de ruralidades, abrangendo diversos contextos e experiências vivenciadas.

Para Beauvoir (1967/2019, pag. 197) a discussão do ser-mulher e dos espaços das mulheres acabam sendo demarcados por tarefas domésticas e atividades de cuidado, bem como brincar de mãe e filha, cozinhar e entre outros que são reforçados ao longo de seu crescimento, enquanto os homens, desde pequenos são isentos desses tipos de responsabilidades, como citado abaixo:

É pelo trabalho doméstico que a mulher realiza a apropriação de seu “ninho”; eis por que, mesmo quando “se faz ajudar”, quer pôr a mão na massa; vigiando, controlando, criticando, ela se esforça por tornar seus os resultados obtidos pelos servidores. Da administração de sua residência, tira sua justificação social; sua tarefa é também atentar para a alimentação, as roupas, e de uma maneira geral para a manutenção da sociedade familiar. Assim se realiza, ela também, como uma atividade. Mas trata-se, vamos vê-lo, de uma atividade que não a arranca de sua imanência, que não lhe permite uma afirmação singular de si própria.

Ainda se existe uma representação acerca do feminino e masculino estabelecidos tradicionalmente como masculinidade de produtivo e liberal e a feminilidade, compreendida pela sociedade, ligada ao viés do eminentemente reprodutivo referenciando o espaço de vivências das

mulheres restrito às possibilidades de poder, simbólico e econômico repercutindo assim na forma de ser mulher (Pizzinato et al., 2015). Neste momento, adentra-se a temática zona rural e suas especificidades.

### **3.2 Ruralidade**

Ao falar sobre o rural, frequentemente associamos o termo ao campo, ao verde, ao ambiente agrário e a uma vida mais tranquila, uma vez que "rural" é sinônimo de "agrário". Em comparação ao urbano, o rural é muitas vezes visto como algo em desenvolvimento para um estado mais concreto (Savassi et al., 2018). Existem várias formas de definir o rural, incluindo estradas de chão, ramais de floresta e áreas sustentáveis. A acessibilidade é uma característica importante da zona rural, pois há dificuldades de locomoção que impactam o suporte à comunidade, tanto em termos de apoios formais (como acesso à saúde e educação) quanto informais (como igrejas e transporte).

Historicamente, o termo "ruralidade" surgiu no final da década de 1990 como uma forma de abranger os elementos característicos da vida e do mundo rural na sociedade contemporânea, inclusive aqueles presentes nas cidades. Esse conceito não deve ser visto em oposição ou de forma dicotômica em relação à urbanidade, pois rural e urbano muitas vezes coexistem em posições variadas. Assim, ao refletirmos sobre a ruralidade, devemos considerar sua coexistência com a diversidade dos modelos urbanos, nos quais um não exclui o outro (Alves, 2021).

Em um contexto histórico, a zona rural está marcada pela luta por terras no Brasil, evidenciada desde o processo de colonização, quando houve disputas violentas nos territórios indígenas. Destacam-se, nesse cenário, a resistência dos povos originários, a luta dos negros pela

emancipação da escravidão e, mais tarde, a resistência das populações rurais em busca de condições mínimas de vida em suas terras. Essa luta continua presente nas discussões atuais sobre propriedade, posse e uso da terra (Conselho Federal de Psicologia, 2019).

Karam (2004) enfatiza que, ao abordarmos o conceito de rural, não o vemos como um espaço único, homogêneo ou como mera negação do urbano. Em vez disso, entendemos o rural como um espaço de construção e interação social, protagonizado por diferentes sujeitos com características históricas e culturais distintas. Portanto, falamos de “ruralidades”, que representam as múltiplas formas de viver e se relacionar em contextos rurais.

Para Gomes et al. (2016), a compreensão do espaço rural está interligada a uma construção social vinculada ao local e contexto, envolvendo singularidades culturais do ambiente e incorporando valores, hábitos e técnicas. Assim, o termo “ruralidades” é proposto para romper com a percepção do rural como um paraíso idealizado, compreendendo-o como um modo de vida.

Quando se fala das representações da comunidade rural, ainda se observam certas exclusões, especialmente no que diz respeito a membros da família como mulheres e jovens, que nem sempre são considerados a principal fonte de renda. Isso permeia a discussão sobre as relações de gênero, destacando-se a importância de olhar para essas relações no contexto das mulheres trabalhadoras rurais que ocupam o papel de “chefes de família” (Conselho Federal de Psicologia, 2019).

O meio rural vai além do concreto e é caracterizado por espaços de representações e ações, construídos a partir de aspectos singulares no cotidiano. Estudos indicam que o ambiente rural é marcado por uma estrutura familiar e, muitas vezes, é classificado por formas hierárquicas baseadas em modelos patriarcais, além da dicotomia que separa os espaços rural e urbano

(Pizzinato et al., 2015). Este cenário rural está associado tanto a práticas agrárias quanto a não agrárias. As práticas agrárias envolvem atividades de produção primária, pecuária e extrativismo. Vale destacar que tais práticas não são exclusivas do meio rural, embora predominem nele, pois também ocorrem em áreas urbanas. Esse entendimento permite expandir a visão sobre o trabalho no contexto rural (Savassi et al., 2018).

A reforma agrária é um marco importante nas políticas de acesso à terra e de melhorias na vida da população rural, além de evidenciar as transformações históricas, políticas e culturais do país. Esse processo possibilita um espaço de democratização e exercício de cidadania para quem vive no meio rural. A agricultura familiar, por exemplo, envolve o trabalho realizado por toda a família e é essencial para a economia dessas áreas (Conselho Federal de Psicologia, 2019).

Lopes, Ferreira e Friedrich (2018) observam o êxodo rural como consequência da baixa produção de terras, das condições precárias de emprego e da falta de acesso a serviços básicos, mais abundantes nas cidades. Ao discutir a atuação de profissionais da psicologia no meio rural, é necessário um distanciamento do olhar urbano, uma vez que há uma tendência a dicotomizar os ambientes rural e urbano. O termo "ruralidades" destaca as diversas formas de ser e existir no espaço rural, representando as variadas individualidades e subjetividades desse contexto.

Na agricultura familiar, todos os membros da família estão envolvidos — homens, mulheres, crianças, adultos e idosos. Isso abre espaço para a discussão sobre as especificidades dessas relações, buscando práticas dentro da psicologia que promovam a autonomia e emancipação dos residentes em áreas rurais, considerando ainda lacunas no que diz respeito ao exercício de seus direitos (Conselho Federal de Psicologia, 2019).

Moser (2018) discute a relação da natureza com o espaço rural, destacando sua influência na organização e nas práticas agrícolas. A natureza fornece recursos essenciais para a produção

agrícola e desempenha um papel central na sustentabilidade do meio rural. Essa circunstância, associada à questão econômica, envolve o uso e consumo das terras, refletindo a transição do rural tradicional para o moderno.

O meio rural no Brasil é marcado por uma trajetória de lutas e desrespeitos aos direitos dos trabalhadores, cujas atividades são frequentemente desvalorizadas como “pequenas” (Conselho Federal de Psicologia, 2019). A psicologia busca abrir espaço para essas discussões, considerando que a cultura rural está ligada ao cuidado e cultivo, remetendo à fecundação, que na prática da psicologia pode ser vista como um símbolo de novas possibilidades e sentidos de vida.

### **3.3 Ser mulher-rural-trabalhadora**

A caracterização de mulher rural está interligada com seu modo de vida, residente em áreas rurais e que possui toda uma estrutura familiar e de trabalho permeados ao meio rural e agricultura. A construção social do papel da mulher rural está atravessada a toda lógica do patriarcado e questões de gênero, uma vez que estas muitas vezes estão associadas a cuidadoras. No meio de desigualdades, cabe destacar que as mulheres possuem um espaço importante economicamente no que diz respeito ao trabalho (Silva e outros, 2022).

Lopes, Ferreira e Friedrich (2018) citam que o espaço rural possui uma gama de complexidades, entre elas destaca-se a pobreza e a vulnerabilidade e para atender essas demandas, o fazer psicológico necessita compreender as dinâmicas de vivências que atravessam o modo de existir desses homens e mulheres do campo, visando intervir para enfrentamento dessas adversidades sociais.

O espaço de reconhecimentos de mulheres rurais trabalhadoras se inicia com o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, no ano de 1980, que permitiu a conquista da aposentadoria rural, direito apenas de homens anteriormente, além de salário maternidade e inclusão de mulheres rurais beneficiárias em Programa de Reforma Agrária. Ainda sobre o avanço no seu reconhecimento de trabalho rural, ainda há uma gama de especificidades para tal, empoderamento de mulheres rurais trabalhadoras (Silva et al., 2022).

Nos anos 2000, as mulheres rurais passaram a serem beneficiárias da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER) e do Programa Nacional de Fortalecimento de Agricultura Familiar (PRONAF), o trabalho dessas mulheres estão em atividades com maior execução manual, processamento, trato e cuidados diários de animais bem como trabalhos em hortas, enquanto no contexto doméstico, suas divisões estão atreladas ao cuidado com os filhos, casa e outros. Tais divisões permite uma invisibilidade sobre o ser mulher rural trabalhadora, uma vez que desempenham um papel importante na renda familiar (Salete et al., 2019).

Lopes, Ferreira e Friedrich (2018) há muitos preconceitos voltados a homens e mulheres do rural, tendo em vista a imagem do meio rural como harmonioso, onde não há conflitos. Logo, as pessoas são compreendidas como atrasadas, entende-se que ao falar sobre rural é preciso olhar para uma ruralidade em plural, com vários contextos e situações vivenciadas.

De acordo com a pesquisa de Silva et al., (2022) as características do perfil demográfico de mulheres rurais se dá pelas seguintes formas: poucos anos de estudos formal, idade economicamente ativa, com relacionamentos conjugais e filhos, de renda mensal até um salário mínimo, que desempenham funções no trabalho rural, em destaque, plantio e colheita, ainda assim, apresentando considerável níveis de vulnerabilidade social, direcionando o olhar para a

necessidade de políticas públicas voltadas a esse contexto para promoção de saúde e garantia de seus direitos fundamentais.

No que se refere ao gênero feminino em comunidades rurais, há uma participação importante no desempenho de papéis nas suas relações intersubjetivas nas práticas de lazer. As suas atividades voltadas para plantações, criação e cuidados domésticos são interligadas ao processo produtivo, fazendo parte do seu cotidiano. Contudo, mesmo assim, essa pluridimensionalidade do fazer laboral ainda é visto de forma branda e estereotipada (Barros et al., 2017).

No contexto do trabalho, o processo envolve uma forma consciente de pensar na vida e nas relações com a natureza. Isso se traduz em uma fonte universal de produtividade, onde a liberdade do trabalhador se confronta com o produto de seu trabalho, assim de acordo com o Marx (2004, p.81-82) “o trabalhador se torna, portanto, um servo do seu objeto [...] para que possa existir, em primeiro lugar, como trabalhador e, em segundo, como ‘sujeito’ físico”. Dessa forma, interliga-se o lugar da mulher-rural-trabalhadora, que exerce a sua força através do corpo, que a leva e movimenta para o campo. Para Alvim (2015) a força de trabalho que Marx destaca, tem definição de um conjunto que está dentro da corporalidade, uma totalidade corpo-mente, que ultrapassa caráter biológico, como uma compreensão do corpo vivo.

Interligando o trabalho e o autor que será a teoria de base de minha análise na compreensão do trabalho rural, Merleau-Ponty destaca que a atividade de trabalho é um processo ativo. Assim, o organismo recorta no seu ambiente o que será percebido. O comportamento, dessa forma, é causa da primeira percepção, conforme atesta em *Estrutura do Comportamento* (1942/2006).

Para Torres (2011) as relações sociais são atravessadas pelo trabalho e uma rede simbólica de sinais e significados, essas relações pautadas com os elementos primordiais terra, floresta e rios representando respeito e preservação frente a natureza dadivosa, o que se constituem através dos papéis familiares que se complementam no quesito de manutenção familiar, sendo a mulher participante de atividades mais diversas do que de fato, podemos supor.

Refletir a nomeação de mulher trabalhadora rural é necessário adentrar pelo debate das dimensões de gênero, classe e espaço, sendo este último, o ambiente em que continuamente estão inseridas, uma vez que, com o capitalismo a sociedade moderna rapidamente passou a entender o trabalho como aquele realizado em um ambiente urbanizado, por um homem, e com uma carga horária fixada, ou seja, o trabalho assalariado (Barbosa e Soares, 2012).

Em relação a ser mulher rural trabalhadora, encontram-se estudos em que as mulheres ocupam dentro da agricultura um espaço de subordinação, que muito se confunde com ajuda, mesmo trabalhando tanto quanto os homens. O que se tem ainda em destaque é que, na divisão de trabalho os homens desenvolvem atividades com maior força física, enfatizando assim, as desigualdades nas relações sociais de gênero, ainda mais no que tange a interligação do trabalho agrícola a corpos masculinos “viris” (Salete et al., 2019).

Nos estudos de Maciazeki-Gomes et al. (2019) as percepções de mulheres rurais trabalhadoras sobre a forma de consubstanciar sua subjetividade, considerada, nesta pesquisa, como fluxo de vivências, estão relacionados a espaços domésticos e movimentos sociais, reproduzindo assim um discurso tradicional sobre heranças de terras, aos homens, como se o espaço do campo devesse ser ocupado por homens e suas esposas, vinculado a ideia de que a permanência das mulheres na área do campo se está vinculado ao casamento.

### 3.4 A mulher na ruralidade Amazônica

A Amazônia possui diversos significados e interesses, que passam pela exploração capitalista, às tentativas de internacionalizar a sua biodiversidade, o que impacta em uma devastação desenfreada e como consequência, mobilizam vozes das mulheres que se mostram como resistência nesses espaços e territórios na defesa da Amazônia. As mulheres na Amazônia, dentre elas, indígenas, ribeirinhas, quilombolas e rurais, compartilham entre si a resistência e a defesa de seus territórios e dos seus povos, e a partir da compreensão dessas violências, que estas, passam a ser organizar em coletivo (Miranda & Barroso, 2023).

Sampaio et al. (2017) pontuam sobre o ser autônomo e a necessidade de reconhecimento de seus trabalhos no meio rural, considerando o trabalho e a saúde possuem uma relação de processos visíveis e atravessados historicamente pela naturalização de certas explorações, desigualdade de gênero e invisibilidade de direitos trabalhistas que afetam diretamente a saúde de mulheres rurais na Amazônia.

Pensar nas desigualdades regionais é um ponto norteador para pensar em formas de impactos da vida de mulheres, como exemplo, as mulheres residentes das regiões Sul e Sudeste do país apresentam melhores qualidades de vida em relação a uso e acesso de seus direitos, já, as mulheres residentes da região norte apresentam maior dificuldade em acesso ao trabalho, saúde e políticas públicas (Lima, 2020), visto que, em minha percepção, os Organismos de Políticas para as Mulheres no Estado do Amazonas apresentam precariedade para atender as demandas do estado.

Para Nina (2014) a mulher surge como um fator de mudanças relacionados às vivências do seu trabalho que potencializa sua realidade laboral e local de trabalhadora, reverberando suas conquistas e pontos a se desenvolver no que tange ao olhar da saúde do trabalho rural, o que cabe

pensar em estratégias que abram espaços para essas mulheres serem vistas dentro dos seus direitos, seja em seu roçado ou ainda, dentro de casa, uma vez que, elas travam um mesmo campo de enfrentamentos relacionados a sua forma de trabalho.

Quando se retrata de possibilidade de rompimento de dependência financeira o trabalho rural para as mulheres representa uma forma de desenvolvimento de independência e autonomia, além de identidade como trabalhadora rural, mesmo não havendo condições ideais para oferta e reconhecimento de tais trabalhos, tais como desigualdade salarial entre homens e mulheres que trabalham na agricultura, especificidades em tipos de trabalhos ou tarefas, sendo a mulher historicamente alvo de limitações e restrições (Sampaio et al., 2017).

Ao se retratar sobre as comunidades na Amazônia, a autora Nina (2014) discute sobre as relações dos âmbitos públicos e privados que impactam na trajetória de vida das mulheres rurais no qual necessitam ser mostradas para além do olhar dos cuidados do lar, bem como, agricultoras remuneradas. O âmbito rural amazônico, permeia um mundo de trabalho que se encontra identidades, diferenças e similaridades ao passo que seus modos de vivenciar a agricultura são internalizados.

Cabe destacar que a subjetividade incorporada no visto aos olhos ou não, está nos processos de trabalhos, do fazer na terra ao fazer doméstico, com o cuidado familiar. Muitas vezes entendidos para essas mulheres como uma forma de manutenção, ou ainda, cuidado. De acordo com Sampaio et al. (2017) as relações do dia a dia das mulheres rurais apresentam a importância do reconhecimento individual e força para manutenção de condições mais eficazes em suas comunidades que pertencem.

As mulheres na Amazônia e seu fazer laboral, são vivenciados sob o viés da invisibilização de seus modos de trabalho, marcados pela naturalização de exploração de seus

afazeres, o que contribui para agravos em sua saúde (Nina, 2014). Tendo em vista que, quando a forma de seu atuar se torna expressiva em relação a questão monetária, o papel da mulher se distancia da ajuda, mas se estes afazeres se aproximam de um espaço privado como atividades interligadas a casa e família, volta-se a ideia de uma ação como “ajuda”.

Se há destaque sobre o reconhecimento de seu fazer com os maridos, visto apenas como “suporte ou ajuda”, não como efetivo de fato, isso dificulta pensar em questões estatísticas do trabalho produtivo, pois se é reconhecido como “ajuda”, não se tem considerações da prática laboral e principalmente, direitos trabalhistas destas mulheres, resultando em discrepâncias até no que tange a manutenção de sua saúde, mesmo que para elas, se apresentam como fortalecimento de laços familiares (Sampaio et al., 2017).

O labor da mulher rural possui características híbridas e diversas em seus vários contextos, tendo em vista partir de diferentes formas, o que perpassa pela falta de compreensão de suas atividades realizadas no dia a dia e na identificação do que é seu trabalho ou que é visto como ajuda, com isso, esse conceito para mulher no interior da Amazônia está voltado para a consequência de diversas funções que aí desempenham (Nina, 2014).

### **3.5 Teoria Fenomenológica-Existencial**

Ao adotar a teoria fenomenológica durante o percurso dessa pesquisa, iniciamos discutindo sobre a sua origem que, de acordo com a autora Forghieri (2003) surge em um momento histórico do pensamento positivista, onde passa a sofrer questionamentos acerca do sujeito e sua existência por meio da dicotomia do “sujeito puro” e “concreto”. Neste cenário surge Edmund Husserl tomando como perspectiva para a fenomenologia, a busca da essência do ser no que é manifestado, no que surge, o que aparece.

Giovanetti (2018) cita que para Husserl seu ponto de interesse é o fenômeno, aquele que se mostra e aparece, não interessando o objeto em si, mas como esse objeto se mostra à consciência. Para a fenomenologia, seu objetivo principal é captar o sentido de como objeto se manifesta para o ser humano e esse movimento, nos leva a tomar uma série de posturas que envolvem suspender sentidos de objetos em si e se abrir para o que se mostra na experiência, no vivido.

Na busca de construir uma fenomenologia, Husserl procura deparar-se com essências originadas de evidências, nessa incansável elaboração descreve a fenomenologia como atitude frente ao ato de conhecer, que consiste em “mostrar os aspectos positivos, explicitar as estruturas vistas na experiência e deixar transparecer na descrição da experiência as suas estruturas universais” (Feijoo, 2011, p.135).

Em contexto histórico, a fenomenologia com enfoque na psicologia começa a se destacar a partir dos conceitos de Husserl, especificamente a partir de constructos como “voltar às coisas mesmas”, intencionalidade da consciência, em que compreende a consciência é intencional e a intencionalidade, propriamente dita, é o movimento de atribuir sentido (Forghieri, 2003). Dessa forma, a psicologia fenomenológica vai se guiar pelos atos intencionais da consciência, tratando primeiro os sentidos e não os fatos.

Dentro da fenomenologia um conceito explorado é o de mundo, olhado a partir do ponto de vista ôntico, o que está a nossa frente, descrito e configurado e o mundo ontológico, o modo que compreendemos o que está entre nós, e que possui um conjunto de significados construídos por meio de nossas vivências (Castro, 2017).

Outro conceito explorado é o fenômeno, que pode se mostrar de várias maneiras e modos, podendo se mostrar através de desvelamentos, por parecer-se por meio de simulação e ocultar-se.

Assim, proporcionando deixar e fazer se mostrar por si mesmo e a partir de si, sendo captado a experiência da forma em qual foi vivida (Matthews, 2010).

Na fenomenologia merleau-pontyana, a percepção é porta aberta a horizontes vários; entretanto, é como fosse uma porta giratória, de tal modo que, ao mostrar de uma face torna a outra invisível. Assim, cada sentido é exercido em nome das demais possibilidades, ou seja, para que possamos compreender a percepção de mulheres rurais acerca de seu corpo e consequente corporeidade, inseridas em seu contexto laboral, precisarei captar, processar e entender a informação que seus sentidos recebem dessa vivência, tendo em vista que cada uma delas é um corpo em movimento, sendo ativas no mundo.

Compreendendo que a fenomenologia busca o sentido e significado, a autora Feijoo (2011) cita que o método proposto por Husserl tem como ponto de chegada o fenômeno indo até ele e como ele mostra, então insere-se a redução fenomenológica, permitindo fazer conhecimento de um dado evidente em si mesmo, identificando-a como uma psicologia descritiva e mantendo distância da dicotomia idealista e realista. Ou seja, colocar entre parênteses o mundo exposto à realidade, pois o que interessa é o sentido do fato, como uma representação deste.

Forghieri (2011), por sua vez, explica a redução fenomenológica como um recurso para chegar ao fenômeno como tal, sendo guiada pelo princípio nominado negativo, movimento em que recuso tudo que não é investido por mim e o princípio positivo guiado pela intuição oriunda do fenômeno que se constitui da vivência, ou seja, a redução se caracteriza como uma mudança de ato que permite ser olhada como fenômeno.

Ao tecer sobre a história da fenomenologia, cabe pensar no que Lisa Guenther (2020) aponta como direcionamento para uma fenomenologia crítica, uma vez que a fenomenologia clássica nos leva refletir nas relações e na compreensão do que experienciamos. Pensar no

caminho crítico é permear uma trajetória de olhar estruturas históricas e sociais, tais como: patriarcado, relações raciais e heteronormatividade que acompanham as relações e experiências para além de formas de ver ou ainda, para além de ideias ou pensamento.

A Fenomenologia Crítica se destaca por seu compromisso inabalável em desvendar as estruturas profundas e ocultas que sustentam a opressão, a subjugação e a alienação em nossa sociedade. Para isso, torna-se necessário adotar uma abordagem detalhada e precisa, analisando minuciosamente todos os aspectos da realidade social e cultural. Além disso, essa teoria visa promover uma verdadeira transformação social, buscando mudanças radicais em prol da justiça, equidade e igualdade. Em sua busca pela emancipação humana se direciona para a importância das experiências próprias e olhar crítico para os fenômenos sociais, seguindo, sob alguns aspectos os fundamentos teóricos e ensinamentos da renomada Escola de Frankfurt, que refletiu a Fenomenologia Crítica da sociedade, contribuição revolucionária e inestimável à filosofia contemporânea. Sua abordagem abrangente nos permite explorar uma perspectiva mais ampla e holística da condição humana, promovendo reflexões intensas e profundas sobre a luta contínua por justiça social e igualdade (Castro & Meira, 2024).

Coloco em destaque o autor Maurice Merleau-Ponty, pelo qual se guiará o olhar da temática apresentada nesta pesquisa. O autor contribuiu para a compreensão fenomenológica dos aspectos psicológicos do ser humano, propiciando o entendimento da questão corpórea, pertencente a um lugar de experiência subjetiva, tendo como ponto principal a questão do corpo. O filósofo rompe com o pensamento husserliano sobre a redução fenomenológica, pois acredita que o mundo é encontrado pelo indivíduo que busca o conhecimento em si mesmo, além do que se refere à consciência perceptiva e intercorporeidade, pois a consciência é aberta ao mundo e a

percepção coloca o corpo como base, ou seja, a consciência está completamente interligada ao corpo.

Merleau Ponty (2011, p.1) descreve a fenomenologia como:

“(…) estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da perfeição, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”.

Retornando ao conceito da fenomenologia, o estudo das essências, fugindo do abstrato e compreendendo os conceitos utilizados a partir da apreensão do papel do indivíduo, a tarefa de perceber o fenômeno da essência da percepção está interligada a compreender as relações dos indivíduos com o mundo (Matthews, 2010). Merleau-Ponty (2011), por sua vez, levanta a sua perspectiva por meio do ser e suas interações.

Pensar nessas interações, permite ter acesso a determinados espaços, onde a fenomenologia crítica se faz presente a partir do momento que se concebe espaços para pensar em conhecimentos libertadores, como meio político de democratizar saberes e proporcionar novas existências com sentido. Essa prática suspende o senso comum de descrição de certas realidades, para possibilitar novos olhares do funcionamento de determinadas estruturas. Entendo, que o caminho da fenomenologia crítica é uma forma de luta para subversão de estruturas que são marcadas por privilégios, normalizações e naturalizações que por si, muitas vezes colocam as pessoas dentro de parâmetros já consubstancializados como verdadeiros e absolutos. Assim, pensar na fenomenologia crítica, é, sem sombras de dúvidas, buscar mudanças na forma de interpretar o mundo (Gunther, 2020).

Diante disso, entende-se que o conhecimento psicológico surge como reflexão e vivência. Ao mesmo tempo, esse conhecimento, tem como propósito descobrir a significação que está no processo da intencionalidade e, com isso, o aproximar-se do outro e com o outro apresenta diversificações que merecem reconhecimento (Forghieri, 2011). A aproximação com o outro, surge por meio do método fenomenológico, que tem como característica a descrição, a exploração e a reflexão, baseado em uma tentativa de conceber o indivíduo consagrado ao mundo, de maneira coparticipativa e atribuindo sentido a esse mundo, ou seja, a existência humana enquanto possibilidade e abertura ao mundo (Merleau-Ponty 2011).

Ao assumir esse direcionamento ao outro e da fenomenologia, Feijoo (2011), embasada na perspectiva heideggeriana, enfatiza que a responsabilidade de assumirmos a práxis da psicologia por meio do método fenomenológico consiste em colocar para trás tentativas de chegar no fenômeno da existência humana pela perspectiva explicativa ou interpretativa, pois entende-se que apenas compreendendo seu lançar-se no tempo, pode-se desvelar-se o sentido do ser da existência, deixando-o mostrar por si mesmo.

Para isso, a fenomenologia, em específico, a fenomenologia crítica nos convida a refletir sobre as demandas atuais da sociedade, desde as injustiças sociais que marginalizam certos grupos, até as crises políticas que abalam nossa confiança nas instituições governamentais. Ao revelar as estruturas ocultas que sustentam esses problemas, somos incentivados a aprofundar nosso pensamento crítico para promover mudanças significativas e construir uma sociedade mais justa e igualitária. Ao questionar as estruturas e sistemas estabelecidos, a Fenomenologia Crítica desafia os paradigmas dominantes, expondo as formas sutis de opressão e dominação presentes na sociedade. Essa análise crítica nos capacita a enxergar além das aparências superficiais e a nos

engajar em um diálogo transformador, buscando a construção de um mundo mais inclusivo e solidário (Castro & Meira, 2024).

O que pensamos, segundo Merleau Ponty (2011) é a partir da vivência de nossas relações e o contato com mundo, pois o voltar para si mesmo é, nesta perspectiva, direcionar-se ao mundo prévio de todo conhecimento o qual dialoga com relação científica abstrata e de alguma forma, dependente de algo. Sendo assim, voltar ao mundo anterior, dado antes das reflexões do mundo da vida, vai além do universo que representa vários conceitos lógicos, atravessando pelo significado construído da ciência. A partir de sua perspectiva, tecerei algumas conceituações acerca da fenomenologia merleau-pontyana.

### **3.6 O corpo e a corporeidade**

Na obra Fenomenologia da Percepção (1945/2011), Merleau-Ponty, insere os termos de corpo e corporeidade e suas experiências com o mundo, destaca que somos inseridos no mundo por meio do nosso corpo, sendo a nossa existência dada por meio dele, passamos a sentir o mundo com o corpo e as experiências atravessadas por ele, assim, os nuances acontecidos pelo mundo se iniciam e terminam no corpo e corporeidade, caracterizando a nossa existência. O que significa? Que ao nascer, por exemplo, através de nosso corpo podemos chorar, rir, alimentar e estabelecer relações com o outro, pois é pela percepção que ocorre os sentidos feitos pelo corpo. Assim, o ser humano passa a ter consciência do si como corporal, corpóreo, olhando para o corpo com novo significado, uma expressão criadora, lançado sob diversos olhares sobre o mundo, podendo se relacionar consigo mesmo e com os outros através do corpo e compartilhando experiência compostas por significados e sentidos (Merleau-Ponty,2011). Ora, no meu corpo reside minha capacidade de perceber e atribuir sentido às minhas vivências. E,

esse modo muito próprio de ser é o que caracteriza o que nomino, a partir de Merleau-Ponty (1945/2011) como corporeidade. Desse refletir é que surge meu olhar sobre a relação entre corpo, corporeidade e o ser-mulher rural.

Merleau-Ponty (1945/2011) pontua que as nossas experiências são dadas por meio corporal, onde a existência é temporalidade, um campo que compõe eu-corpo em forma de presença no mundo e do outro, esse campo me interliga ao outro, pois enquanto vivo realizo contato com o mesmo. É por meio do corpo que nos encontramos no mundo com o outro, ele nos dirige e no direciona ao mundo, como corpo-tempo, compreendo e trabalho, faço e refaço história. Tal corpo possui sensibilidade pois nos ajudar a atribuir sentido como possibilidade, concebe experiência como forma de expressão e discurso, corpo que movimenta e gesticula dentro desse mundo (Alvim, 2015).

Através da relação com o outro, me percebo no mundo, a partir do mundo que estou inserido, começo a perceber e ressignificar as minhas experiências dadas na relação, identificando-as como corporeidade por meio do ambiente social e suas alteridades, através de seus gestos e atitudes nas relações com outras pessoas assim formando um senso de identidade. A corporeidade é vista como condição inerente ao ser humano, pois através do corpo vivo se expressa diversos movimentos de sentidos. Sendo assim, corpo e corporeidade, elementos presentes em cada uma de minhas vivências, são via para a existência por onde acontecem as experiências do mundo vivido (Merleau-Ponty, 2011).

O ser é potencialidade por meio de suas vivências e experiências cotidianas. Suas percepções são oriundas do corpo que apreende e aprende. O mundo é uma extensão do corpo do sujeito e, por meio deste, modifica-se e é modificado através de seus contatos e suas reflexões a

partir da convivência com o outro (Merleau-Ponty, 2011). Com isso, o corpo é elemento constituinte na correlação relações estabelecidas, ou seja, Lebenswelt e sentido.

Conviver com o outro, convivência com o outro. Somos com o outro, enquanto ser-no-mundo, conviver é produto do encontro com o outro. Assim, é no ato, no agir relacional, que o outro me concebe em sua fala, em seus movimentos e em suas ações que, ao mesmo tempo, são meus e ao mesmo tempo não sou eu. Com isso, a minha corporeidade vivida pela sensibilidade ao mundo, através de uma relação com ele, passa a ser a percepção de um outro eu mesmo. Ao agir, me expesso, assim crio e produzo conhecimento através de minha conduta. Desse modo, preciso do outro para que eu mesmo me reconheça com ele, a partir dele (Alvim, 2015).

O sujeito é ser-no-mundo e o conhecimento se dá pela sua percepção corpórea através de sua experiência com o mundo, este que é demarcado por um tempo e espaço historicamente, como cita Merleau-Ponty (2011, p.142), “Ser uma consciência, ou, antes, ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, como corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles”. Com isso, o corpo sabe, compreende e sente os movimentos existenciais e por meio desta surge a percepção sentida, por meio da corporeidade, utilizando ainda o senso-corporalmente não sendo rotulado a um mero objeto sem se colocar em representações, simbolismos ou objetividade (Castro, 2017).

Outro conceito em destaque, é a intercorporeidade, vista como a compreensão verdadeira do outro, pois o corpo é meio em temos percepção sobre nós e o mundo, e ao se interligar a outro corpo, passamos a ocupar o mesmo espaço do outro, fortalecendo nossa existência e visualizando o outro como uma extensão de nós, tendo em vista que os corpos estão em relação um com o outro e o mundo (Merleau-Ponty, 2001).

O corpo-próprio é descrito por meio dos sentidos corporais, como meios de se o sujeito ser sensível ao mundo, ao objeto, onde passa a direcionar o mundo em si, bem como o mundo o direciona. Já o corpo-vivido (subjetividade) é compreendido como movimento original de intencionalidade corporal, onde este corpo se abre ao mundo e experiência o mesmo, entendendo como uma interligação o sentido de historicidade (Dentz, 2008). Este corpo é por onde se percebe, se move, deseja e sofre os fenômenos cotidianos que se apresenta por meio de vivências, singularidades, onde será compreendido por meio do trabalho nesta pesquisa.

Cabe destacar a noção do conceito de carne, que faz parte do corpo-vivido, se nomeando como a unidade do ser como “vidente-visível”, como um movimento paradoxal, “coisas entre coisas e aquilo que as vê e toca”, sendo um elemento na compreensão do corpo, como uma categoria ontológica fundamental. A partir do que explicitarei, procurarei redimensionar o pensamento deste filósofo para a compreensão de minha proposta de pesquisa, ser-mulher-rural.

O corpo e a corporeidade no tema abordado nessa pesquisa são de suma importância, visando a visibilidade dessas mulheres rurais em destaque, sendo um ponto essencial nas elaborações de significados construídos pelo corpo. A citação “justamente porque pode fechar-se no mundo, meu corpo é também aquilo que me abre ao mundo e nele me põe em situação” (Merleau-Ponty, 2011, p.229). Diante a isso, as relações intersubjetivas podem ser vivenciadas pela corporeidade no processo de trabalho rural.

### **3.7 Uma pitada de Simone de Beauvoir**

Como citado anteriormente, em minha concepção, ao falar sobre o ser-mulher, peremptoriamente preciso mostrar o pensamento de uma filósofa que, no século passado, já ousara pensar o ser-mulher, Simone de Beauvoir.

Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, mais conhecida como Simone de Beauvoir, foi uma escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa. Nascida em 09 de janeiro de 1908, faleceu em Paris, a 14 de abril de 1986. Sua produção intelectual sofreu influências de Jean-Paul Sartre, Friedrich Nietzsche, Mary Wollstenecraft, Martin Heidegger, Karl Marx, Sören Kierkegaard, Immanuel Kant, René Descartes, Marquês de Sade, Edmund Husserl e John dos Passos, dentre outros.

Adepta da teoria existencialista, suas obras apresentam como principal característica, a liberdade, principalmente no que tange ao papel da mulher na sociedade e a opressão feminina em um mundo dominado pelo gênero masculino. Temática excepcionalmente expressa em *O Segundo Sexo* (*Le deuxième sexe* – 1967/2019). Em *A força da idade* (*La force de l'âge* – 1960/2022) Simone de Beauvoir expressa sua trajetória de vida, mostrando que, já na década de 60 do século passado, descrevia e abordava a liberdade como a própria essência de seu ser. Traz detalhes de seu relacionamento com Sartre, formação filosófica, seus ideais políticos, o processo de criação e todos os elementos que foram por ela vivenciados e que construíram a mulher, o ser-Simone-de-Beauvoir.

Em *Memórias de uma moça bem comportada* (*Mémoires d'une jeune fille rangée* – 1958/2017) apresenta um espírito, a meu ver, indômito, dados seu inconformismo e autenticidade. Mostra sua infância religiosa em uma família de classe média parisiense, a rebeldia adolescente e a conseqüente devoção à literatura. Evocações de amizades, a relação duradoura com Sartre, interesses amorosos, mentores. É uma esplêndida autobiografia, onde estão presentes as marcas do patriarcado trazida a partir das imposições ao feminino e, que nesta obra, renuncia, tais como: como casamento, maternidade, religião fervorosa. E, neste renunciar, a

autora francesa encontra um caminho para ressignificar sua existência, toma a escrita como ato de resistência.

Balanço final (Tout compte fait – 1972/2021) é, por sua vez, considerado testemunho da coerência e da coragem que a tornaram uma escritora exemplar. É a continuidade de seu projeto autobiográfico, e nele Simone de Beauvoir aborda o que houvera vivenciado na década anterior, reavalia incidentes de seu passado e compartilha sua visão de mundo, desvendando-se a si mesma e à sua vida. Permeando aspectos como o ser-mulher, o patriarcado, a política de manutenção da mulher em segundo plano.

## **4. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**

### **4.1 Desenho da pesquisa**

Para melhor compreensão das vivências obtidas no percurso metodológico será adotado a pesquisa qualitativa, que conforme Appolinário (2012) para o entendimento da diferenciação de pesquisa quantitativa e qualitativa devemos entender dois termos, o fato e o fenômeno, tendo o fato como algo concreto, objetivo e mensurável enquanto o fenômeno possui um lado de subjetividade e interpretação de tais fatos.

A pesquisa qualitativa envolve um espaço de significados, crenças, valores e atitudes correspondendo a um campo profundo das relações, processos e de fenômenos onde não podem ser reduzidos a sistemáticas variáveis, com o intuito de destacar um lado que não perceptível e nem captável de estatísticas e números (Minayo, 2015). Assim, essa perspectiva leva em conta a singularidade, individualidade e subjetividade das pessoas, bem como as vivências que desenrolam no espaço da coletividade e se dão a partir do grupo.

### **4.2 Método fenomenológico**

O método pelo qual optei foi o fenomenológico de pesquisa em Psicologia que, de acordo com Castro (2017), possibilita ao pesquisador ter uma postura de estudar os fenômenos psicológicos se afastando dos estudos de comportamentos controláveis e observáveis e, dessa forma, passa a questionar as experiências vividas e os significados atribuídos por esse sujeito, estabelecendo uma relação de sujeito-objeto-mundo.

Assim, este método busca identificar o homem com infinitas possibilidades, bem como buscar suas vivências da consciência por meio da apreensão, pois o fenômeno está como julgado, imaginado, desejado ou intuído pela consciência. O fenômeno, por sua vez, está incluso em todas

as maneiras de estar consciente de algo, não precisando de conhecimentos anteriores para existir (Castro, 2017).

O método utilizado está assim caracterizado na figura 1.

**Figura 1: Passos do método fenomenológico**

<p><b>O primeiro passo</b></p>	<p>é o momento de adquirir as descrições dos participantes da pesquisa. O crucial neste momento é que se pretende conciliar dois aspectos: seguir o requisito fenomenológico de valorizar as descrições acerca do vivido, da experiência, salientando o sentido de como estas se apresentam à consciência do sujeito. Entretanto, são mantidos passos metodológicos que nos permitem enquadrar o processo de investigação em critérios unicamente considerados na comunidade científica. O método mantém uma componente descritiva, no sentido em que o resultado final do processo de análise do protocolo reflete uma descrição em síntese dos significados psicológicos essenciais da experiência dos participantes da pesquisa.</p>
<p><b>No segundo passo</b></p>	<p>Momento em que é realizada a redução fenomenológica-psicológica. Nessa etapa se considera o uso da <i>epoché</i>, ou seja, a suspensão da atitude natural, e a implementação da redução fenomenológica-psicológica. O sentido da redução é que objetos e situações, isto é, tudo o que surge à consciência dos sujeitos, passam pela redução, mas não os atos de consciências, aos quais esses objetos e situações estão relacionados.</p>

<p><b>O terceiro passo</b></p>	<p>denominado de análise eidética – variação livre imaginativa. Esse passo consiste em que, após assumir a atitude da redução fenomenológica, o investigador centra-se no objeto de estudo, cuja essência, a síntese de significado psicológico, deve ser determinada. Dessa forma, procura-se definir a essência do fenômeno, isto é, a estrutura do significado psicológico, a síntese do sentido da experiência vivida pelos vários sujeitos que participaram da investigação, mediante o uso da análise eidética, a variação livre imaginativa. A síntese final de significado psicológico remete a uma generalização eidética dos resultados da investigação. Os resultados eidéticos implicam, igualmente, que o que conta para a generalização dos resultados finais da investigação seja o número de vezes que o fenômeno, objeto de estudo, se repete ao longo dos protocolos de investigação, não o número de sujeitos que participaram da pesquisa.</p>
--------------------------------	--

**Fonte:** Giorgi, Amedeo & Souza, Daniel (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Fim do Século.

### 4.3 Participantes e Local da Pesquisa

Foram realizadas entrevistas com 8 mulheres trabalhadoras rurais residentes de zona rural, em específico nos ramais 75 km, 77km e 78km, localizada no Município de Manacapuru no estado do Amazonas em sentido estrada de Novo Airão. O município de Manacapuru possui uma área de 7336.58 km<sup>2</sup>, limita-se com os municípios de Novo Airão, Iranduba, Beruri, Anamá e Caapiranga. A sede municipal está localizada na margem esquerda do Rio Solimões, na confluência deste rio com a foz do Rio Manacapuru, dista 157 km de Manaus, por via fluvial e 84 km por via rodoviária. Possui a população de 101.883 habitantes, sendo 82,9% se autodeclarados na sua cor ou raça como parda, 12,4% como branca, 3,8% como preta e 0,8% como indígena. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022).

A amostragem foi por conveniência, tendo em vista, que a pesquisadora possui vasta vivência no acompanhamento das pessoas na condição supracitada e, portanto, pertencem às relações sociais delas. A seleção se deu pelo método snow ball, onde a primeira foi contactada e solicitado que indicasse outras possíveis participantes. Além disso, foi necessário que concordassem em participar da pesquisa de modo voluntário.

Foram considerados critérios de inclusão as seguintes características: a) se identificar como mulher; b) ser trabalhadora rural fornecedora da principal renda familiar; c) com idade entre 18 e 65 anos e d) residentes na área rural do estado do Amazonas.

Para os critérios de exclusão foram considerados as seguintes características: a) ser portadora de quaisquer transtornos cognitivos que dificultem a compreensão da proposta de pesquisa; b) estar sob efeito de medicamentos ou substâncias lícitas ou ilícitas que impeçam a compreensão e colaboração na pesquisa.

Os encontros foram dados de forma presencial, no período de março a maio de 2024, sendo escolhido por elas, lugares que se sentissem confortáveis, onde, todas optaram em fazer em suas residências. Os primeiros contatos foram dados por meio de uma associação de artesanato e agricultura, localizada a 77 km da estrada de Novo Airão, a partir de uma participante, foi feita a indicação seguinte até completar a quantidade dentro dos critérios de inclusão. A coleta foi agendada na residência de cada, por opção das participantes, onde foi realizado todo o processo de apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e em seguida, a entrevista aberta fenomenológica para coleta de dados (vide instrumentos de pesquisa).

#### **4.4 Procedimentos para coleta de dados**

O instrumento utilizado para coleta da pesquisa, análise e discussão das narrativas foi uma entrevista aberta guiada por uma questão norteadora. Por ser um método flexível para obtenção de informações qualitativas, permitiu a abertura das participantes em dialogar acerca dos fenômenos investigados, portanto, as interações possibilitaram o alcance das vivências experienciadas pelos participantes e dos sentidos que elas atribuíram ao mundo vivido.

O autor Appolinário (2012) descreve a entrevista como um procedimento de coleta de dados que abrange o encontro da entrevistadora e a entrevistada, podendo ser realizado presencialmente ou à distância, esse instrumento permite explorar com liberdade o conteúdo dentro do contexto por meio de uma conversação.

A entrevista aberta permite o processo da investigação social no intuito de coleta de dados ou ainda ajudar no tratamento de um problema social, uma vez que por meio do contato presencial há possibilidade de resolução de algumas questões abertas, assim como a observação de expressões conforme o assunto seja alterado, além de promover a entrevista como um instrumento de possibilidades de significados (Marconi & Lakatos, 2010).

#### **4.5 Entrevista Fenomenológica**

Como instrumento utilizado foi a entrevista fenomenológica, na qual o específico fundamental é buscar obter especificamente e concreto das experiências dos participantes. O pesquisador se assegura de que essas condições sejam adequadas, pois a partir delas é possível construir diferentes estruturas de significado de natureza psicológica relacionadas ao tema em estudo. Para isso, é crucial que as normas de segurança sejam o mais específico e concreto

possível, além das racionalizações apresentadas pelos participantes da pesquisa, para abordar a subjetividade vivenciada no dia a dia (Giorgi e Sousa, 2010).

Para Castro (2017), as falas vivenciadas descritas pela entrevista aberta acabam se desvelando, pois é guiada por uma questão norteadora inicial possibilitando um espaço para desenvolver dentro da temática, abordada duas ou três questões a mais durante a entrevista, fazendo com que o participante consiga se expressar livremente.

A questão norteadora tem por objetivo proporcionar uma abertura e guiar as participantes para o que se pretendeu investigar, sendo elaborada de maneira que permitiu iniciar a entrevista e sustentou a liberdade para a descrição das participantes, caso ocorresse novas formulações durante o diálogo. Sendo construída em linguagem clara e precisa a fim de permitir a entrevistadora vivenciá-las (Gil & Yamauchi, 2012).

A pesquisa foi guiada pela seguinte questão norteadora: “Como é ser mulher trabalhadora rural?”.

Possíveis desdobramentos (outros questionamentos que poderiam surgir no decorrer da entrevista) tais como: “*Como é para você ser mulher rural?*”

“*Como você percebe seu corpo como instrumento do trabalho?*”

#### **4.6 Procedimento de análise de dados**

Para análise, sob o olhar da fenomenologia-existencial, a pesquisadora tem a possibilidade de entrar em um lugar de mensageira das narrativas das participantes, em um processo recíproco de corresponder com a fala que se desdobra quando a escuta e se des-prende como a escuta que se dá simultaneamente no responder sendo assim inicia-se o processo de falas e escutas da entrevista (Castro, 2017).

Foi adotado no percurso da análise, a metodologia preconizada por Amadeo Giorgi com o recurso do uso de entrevistas áudio gravadas, com duração média de 60 minutos, seguindo os pressupostos de Giorgi e Sousa (2010), a partir dos seguintes passos:

## Figura 02

*Passos do método fenomenológico-psicológico de investigação em psicologia, segundo Giorgi.*

1. Estabelecer o Sentido do Todo	Após a obtenção dos dados da pesquisa e a transcrição das descrições dos participantes na íntegra, é necessário estabelecer o sentido geral da investigação. Ao ler calmamente a transcrição completa das entrevistas, pode-se obter a compreensão geral das descrições, ou seja, o sentido da experiência em sua globalidade. Além disso, averiguar se há relações entre os dados e o conjunto, evidenciando suas semelhanças e diferenças.
2. Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado	A seguir, após apreender o sentido geral das descrições dos participantes do estudo, o próximo passo é dividi-lo em partes menores, chamadas de Unidades de Significado. Através de uma perspectiva psicológica, o pesquisador analisa e explicita os significados existentes dos discursos obtidos nas entrevistas. Os significados mais semelhantes entre si são unidos e transformados em Unidades, sabendo que poderão existir variadas Unidades de Significado encontradas numa pesquisa fenomenológica.

3. Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico	Como etapa seguinte, tem-se a conversão das Unidades de Significado em expressões de caráter psicológico. O pesquisador desvela e articula o sentido psicológico presente nas descrições dos participantes da pesquisa, concentrando-se nos significados que estiverem de acordo com o tema e o objetivo do estudo, retirando os aspectos contingentes e particulares que não são essenciais para a investigação. A linguagem do senso comum dos participantes é transformada em Expressões de Caráter Psicológico, mas não se pretende reformular ou teorizar as descrições obtidas, apenas clarificar e explicitar os sentidos, por vezes implícitos, das Unidades de Significado.
4. Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos	Como passo final, há a definição da estrutura geral dos significados psicológicos. As descrições dos sentidos variantes e invariantes obtidas nas entrevistas, aquelas que expressam a essência da experiência dos participantes da pesquisa, tal qual suas relações, possibilitando a criação de uma estrutura geral. As Unidades de Significado são transformadas em Categorias de Análise.

Adaptado de Giorgi, A. & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Lisboa-Portugal: Editora Fim do Século.

Dessa forma, os resultados da pesquisa foram abordados de acordo com a forma que se relacionam e se diferencial, colocando-os em diálogo com a literatura existente sobre o tema da pesquisa, estabelecendo associações ou paradoxos segundo investigações anteriores (Giorgi & Sousa, 2010). Para a análise fenomenológica propriamente dita dos dados, foram utilizadas as obras de Maurice Merleau-Ponty e algumas pontuações em Simone de Beauvoir que, a meu ver, são necessárias neste momento.

## 5. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

A pesquisa foi realizada sob respaldo aspectos éticos da pesquisa que de acordo com Prodanov e Freitas (2013) está interligado a conduta humana, de maneira moralmente correta que se aplica em ideias prevalentes, sendo a ética na pesquisa um conjunto de conduto e pesquisa, ou seja, a conduta moralmente correta durante a questionarção, na busca de resposta diante da pergunta.

Segundo Prodanov e Freitas (2013) os aspectos éticos são amparados ainda pela Resolução CNS 196/1996 onde descreve que as pesquisas com seres humanos como uma forma individual ou coletiva, que envolve o indivíduo de maneira direta ou indireta, na sua total ou parcial parte bem como a inclusão o manejo de informações e instrumentos.

Esta pesquisa tem como amparo às Resoluções CNS N°466/2012 e CNS N°510/2016 em que pesquisas com envolvimento de seres humanos devem assegurar a confidencialidade, privacidade e proteção da imagem, além da não estagnação do participante e sigilo sobre suas informações e o termo de autorização de gravação de voz onde será garantido a liberdade do participante de optar ou retirar seu consentimento.

Foi apresentado as participantes da pesquisa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, assim garantindo ao sujeito seus respaldos e informando ao mesmo sobre a proposta da pesquisa que deverá participar, tais como objetivos e os meios de sua participação, pontos serão lidos junto ao sujeito e esclarecido a meio de dúvidas.

Ressalto que esta pesquisa foi encaminhada a Plataforma Brasil da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) para avaliação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), recebendo o parecer favorável, em 13 de março de 2024, juntamente com o número de Certificado de Apresentação e Apreciação Ética (CAAE): 77110723.9.0000.5020.

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O movimento de ir ao encontro do ser humano permite olharmos para o fenômeno que se mostra e se apresenta por meio de suas vivências e olhares sobre o mundo. O ser é potencialidade. Por meio de suas vivências, experiências cotidianas e percepções proporcionadas pelo seu corpo é que apreende e aprende, tendo em vista que passa a perceber o mundo como extensão de si. Corpo este que se modifica através de contato com o mundo e suas reflexões a partir daí (Merleau-Ponty, 2011). A proposta deste capítulo é que possamos contemplar e aprender como essas mulheres imersas na ruralidade amazônica consubstanciam o existir, tendo como fundamento os sentidos atribuídos ao mundo-vivido.

O método fenomenológico possui o objetivo de descrever as vivências desse mundo e as percepções que dele têm os indivíduos, abarcando as dimensões por meio de suas narrativas e interação com o meio social. Assim, a percepção emerge por meio do envolvimento do ser, assumindo o papel fundamental no estudo das essências das experiências. Ao experienciar o mundo, o ser humano pode criar e se transformar, pois este se mostra aos fenômenos de sua existência por meio do seu corpo, que atribui significado à vida, portanto, vivenciar o mundo possibilita a compreensão desse corpo. A partir do contato com as mulheres dentro do âmbito rural, é possível aproximar-se de suas vivências no contexto rural, compreendendo que essas mulheres se tornam as principais autoras dessas atribuições de sentido decorrentes do cotidiano e das vivências como ser-mulher-rural-trabalhadora.

Para elucidação dessa discussão, foi utilizada a obra do fenomenólogo Maurice Merleau-Ponty, *Fenomenologia da percepção* (2011). As categorias deste capítulo foram organizadas de acordo com a análise de dados de Giorgi e Sousa (2010), conforme a proposta do projeto original, em que foram levados em consideração os quatro passos preconizados pelos autores.

A partir daí, obtivemos as categorias de análise e suas subcategorias, fundamentadas nos sentidos variantes e invariantes presentes nos discursos das participantes, elencadas a seguir:

**Categoria 1: “Mulher-rural-amazônica”**, com as subcategorias 1.1: “Ser além da terra”, 1.2:

“Vou acompanhada, mas sigo só” e 1.3: “Jornadas cruzadas: estou na ativa”. **Categoria 2:**

**“Trabalho: plantar, colher e cuidar”**, com as subcategorias 2.1: “Dificuldades inerentes à ruralidade”, 2.2: “A atividade rural é aprendizagem transgeracional”, 2.3: “O trabalho rural me permite ser-com-a-terra”, 2.4: “Comunidade como apoio”. E, por último, a **Categoria 3:**

**“Corporeidade na mulher-rural: o ser-em-movimento”**, com as subcategorias 3.1:

“Limitações: saúde física”, 3.2: “Corpo que não pode parar!”, 3.3: “Corpo que vai ao encontro da terra” e 3.4: “Cuidados com esse corpo”. Na descrição das participantes, foram escolhidos

nomes de frutas amazônicas, que são produtos que todas elas trabalham, cultivam, cuidam e criam diariamente. Assim, as participantes são descritas como:

Nome	Idade	Profissão	Estado Civil	Nº Filhos	Localização
1. Jenipapo	60 anos	Agricultora	Solteira	2 filhos	Ramal 77
2. Buriti	58 anos	Autônoma	Solteira	2 filhas	Ramal 77
3. Jambo	50 anos	Agricultora	Solteira	3 filhos	Ramal 78
4. Pupunha	35 anos	Agricultora	Casada	5 filhos	Ramal 78
5. Tucumã	58 anos	Assistente social e artesã	Casada	4 filhos	Ramal 77
6. Macaxeira	61 anos	Agricultora	Casada	7 filhos	Ramal 75
7. Cupuaçu	35 anos	Agricultora	União estável	4 filhos	Ramal 75

8. Açai	28 anos	Agricultora e vendedora de cosméticos	Casada	2 filhos	Ramal 75
---------	---------	---	--------	----------	----------

**Figura 3: Identificação das Participantes**

A partir das entrevistas com as participantes, foi possível destacar e apresentar os desvelamentos voltados para a reflexão das participantes e da pesquisadora durante a análise, em que passam a ser vistas e apresentadas como mulheres-rurais-amazônicas.

### **6.1 Mulher-rural-amazônica**

Ao pensar nessas mulheres dentro do seu âmbito rural, levanta-se a questão da visão que elas têm sobre si e o seu fazer, sobressaindo a ideia de atos performáticos, tais como o trabalho doméstico, a agricultura, o cuidado doméstico e familiar, além de como vivenciar o mundo dentro desse espaço rural. A vivência dentro dos seus contextos permite compreender as percepções dessas mulheres ao irem ao encontro da sua identidade e como se mostram enquanto mulheres-rurais-amazônicas.

A percepção, de acordo com a fenomenologia, é um constituinte fundamental do ser humano. As percepções contêm as suas bagagens, como memórias, fantasias, imaginações e recordações, às quais são atribuídos sentidos por meio do contato com o mundo de cada uma dessas mulheres, refletindo-se através de suas experiências corpóreas, fazendo parte da relação objeto e consciência (Giovanetti, 2018). Essas experiências resultam do seu cotidiano e da sua construção enquanto são lançadas nesse mundo-rural. A seguir, discute-se sobre os olhares lançados por essas mulheres sobre si e seu território, o espaço rural.

### **6.1.1 Ser além da terra**

Ser-mulher-rural-amazônica atravessa afazeres e sentidos que as participantes destacaram sobre a importância de ser quem elas são, percorrendo a ideia de que durante esse percurso elas se deparam com enfrentamentos e desafios, mas que possuem suas próprias percepções, para além de visões que outras pessoas trazem de fora do campo de seu território.

É [...] no meu ponto de vista, mulher rural [...] é uma [...] é a mulher que lida com o trabalho doméstico, na roça, e também [...] tem que valorizar o trabalho dela, porque é através do trabalho agrícola é que sai a alimentação, a mandioca, o milho, o arroz, a soja, tudo que depende da nossa alimentação sai do trabalho agrícola. E eu valorizo muito e eu acho que todos deveriam valorizar o trabalho agrícola!” (**Jenipapo, 60 anos, agricultora**)

Como apontado por Jenipapo, ser mulher-rural está vinculado aos seus afazeres na rotina e ao fornecimento de comida para a população por meio do seu trabalho agrícola, que, por si, deve ser valorizado da mesma forma que mostra a sua valorização. Salete et al. (2019) compreendem que, dentro do trabalho na agricultura, homens e mulheres apresentam desigualdades na forma de ver suas funções de trabalho, o que acarreta que a atividade laboral dessas mulheres passa a ser vista como ajuda, sendo desconsideradas ou diminuídas frente aos corpos masculinos, e assim, conseqüentemente, desvalorizadas.

Gomes et al. (2016), ao discutirem sobre gênero feminino, apontam que falar sobre sua constituição é lançar o olhar a partir de uma forma “performativa” que é transparente nas relações sociais, econômicas e intersecções atravessadoras do ser-mulher. A mulher brasileira, especificamente a amazônica, objeto deste estudo, contemporaneamente, atua além de suas tarefas de casa, tendo que lidar, no caso de nossas participantes, com a roça, plantio, cuidados familiares e outras funções de cuidado, levando-as a vivenciar o ser-mulher-rural dentro de

singularidades e pluralidades, permeadas por questões de classe e poder. Já em outros desvelamentos, apresenta-se o discurso das mulheres que enfatiza o desafio de ser mulher-rural, permeado por discriminações, ensinamentos e aprendizados.

Pra mim, eu acho que é um ser inovador, que não define gênero, e com igualdade, porque tem muitas que discriminam [...] a mulher rural. Pra mim, não, é um ser inovador, é um gênero! E [...] pra mim é tudo! Só isso que tenho pra dizer (Jambo, 50 anos, agricultora)

Ser mulher rural, é ser uma mulher que enfrenta grandes desafios, mas que esses desafios eles também trazem muitos ensinamentos e aprendizados (**Tucumã, 58 anos, artesã**)

O estudo realizado por Rodriguez Ibarra, Pizzinato e Oliveira (2023), ao pesquisar com agricultoras riograndenses, assevera, semelhante ao que disseram nossas participantes, que diante dos desafios cotidianos essas mulheres implementam práticas de transformação, que geram rupturas com os papéis tradicionais de gênero. Percebe-se, como nos diz Martins (2017), que em sua tese de doutoramento se propôs a compreender o rural como estilo de vida, ao observar as trabalhadoras rurais com as quais pesquisou, que viver nesse mundo rural contribui para a construção identitária da pessoa, tendo em vista o compartilhamento de normas e crenças específicas, a partir de projetos de vida diferentes, próprios do lugar onde estão alocadas. Como nos disseram as participantes, “é ser inovador” (Jambo) e “é enfrentar grandes desafios [...] ‘aprender’” (Tucumã).

Discriminações e desafios estão expostos em suas falas, podendo-se interligar com os desdobramentos sobre discussão de gênero, pois, ainda no aspecto dicotômico de ser mulher e homem, determinadas funções estão estipuladas e atravessadas por questões corporais de força e virilidade (Pizzinato et al., 2015). A partir desse olhar, evidencia-se que, no fazer do dia a dia

dessas mulheres rurais, o corpo se encontra como via de atribuição de sentidos e de compreensão do mundo, sendo ele base para sua existência (Merleau-Ponty, 2011).

O ser-mulher-rural se apresenta e desvela em meio a aprendizados e desafios. A compreensão que essas mulheres têm acerca de suas conquistas, suas dificuldades, fenômenos que experienciam cotidianamente, é trazida em suas falas como a vivência propriamente dita, o eidos filosófico. Para Merleau-Ponty (2011), esse movimento de atribuição de sentido é diretamente relacionado ao constructo percepção que, por seu turno, não é apenas ver a facticidade que passa a ser vivenciada a qualquer momento. É, como nos traz as falas, ir além do fato experienciado, culminando na compreensão totalitária do ser quem se tornou, como nos diz uma delas: “pra mim, é tudo”. Essas mulheres se compreendem para além da denominação ser-mulher, elas se reconhecem como ser-mulheres-rurais e tudo o que isso implica.

Neste momento, me vem à mente a célebre frase com que Beauvoir (1967/2019) inicia O segundo sexo: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, e as falas trazidas pelas participantes referenda o pensamento dessa insigne autora, uma vez que suas contundentes assertivas mostram que estão para além da construção e doutrinação em representar papéis idealizados pela sociedade. São mulheres que tomam para si a responsabilidade por ser quem se tornaram, conseguem enfrentar a norma do abandono de suas reivindicações à subjetividade transcendente, não se permitem submeter-se a um papel passivo e alienado, deixando a seus companheiros os papéis ativos e subjetivos. Saem da imposição social que destina a eles o lugar de sujeito e a elas o de objeto.

### ***6.1.2 Vou acompanhada, mas sigo só***

Estar no ambiente rural e vivenciar as múltiplas ruralidades implica olhar para a sua trajetória. Algumas mulheres rurais destacaram, no seu vivenciar da ruralidade, o dia a dia da relação com seus parceiros. No que transparecem seus papéis dentro desse relacionamento e para além dele, sendo impactada a forma de se verem e se constituírem como mulheres-rurais.

Aí meu esposo comprou um sítio pra cá, vim pra cá com ele e nós começamos do zero, morar até de barraca pra começar a fazer a casa né... aí começamos... ele né, praticamente mais é ele, é... é plantar roça, as árvores, criar pato, galinha, isso tudo ele gosta. Eu, eu mesmo só só dentro de casa, não gosto muito, mas abraço as coisas que ele gosta de fazer

**(Buriti, 58 anos, autônoma)**

Rapaz, ele me arrastou pra cá, né? Teve muito... Eu era da cidade, né. Não era muito um negócio de estrada no mato, não. Aí a gente foi, se conheceu, ficou junto e veio morar. Eu vim morar pra cá. Aí desde que eu vim, que eu criei pra 17 anos aqui. E eu não quero. Eu não quero. Eu vou a cidade, mas eu vou rápido e volto. Não me acostumo mais, né, no caso. Pra mim aqui a moradia é melhor. **(Cupuaçu, 35 anos, agricultora)**

Nas falas de Buriti e Cupuaçu, se tem como destaque a sua trajetória para chegar no contexto rural. Ambas passaram a morar na área rural através de seus parceiros no relacionamento afetivo. O que perpassa a discussão de gênero, considerando que ambas vivenciam relacionamentos heteronormativos. O movimento dessas participantes, de irem para o lugar que o parceiro indica como moradia melhor, recai sobre normas e sistemas de regras do que se espera dentro de determinados papéis de gênero. A mulher entra numa trajetória em que seu marido exerce o lugar de escolha do que seria melhor para ambos, e nesse lugar em que cumprem essas normas, passam a exercer tarefas de cuidados.

Pensar nos espaços de trabalho das trajetórias dessas mulheres abre a discussão dos

autores Pizzanato et al. (2015), que falam sobre o trabalho produtivo associado ao masculino e espaço público, enquanto os trabalhos relacionados a cuidados de casa relacionam-se ao feminino. A participante Buriti traz em seu recorte os afazeres de seu parceiro, destacando que o mesmo desempenha atividades fora do ambiente doméstico, enquanto ela permanece no lugar da casa. Nina (2014) enfatiza que as mulheres da Amazônia são marcadas pela invisibilidade de seus modos de trabalho, distanciando-se de formas de trabalho de ajuda, mas se aproximam de espaços privados, como funções relacionadas à casa e família, levando-as ao lugar de ajuda.

Então, mulher rural, ela é uma mulher que trabalha par sustentar a família dela, sem sair de casa. Não é só pai que é provedor, né? Tem a mãe, a mulher rural, dentro do papel da família, ajudar, auxiliar né? [...] O homem, a família. Porque foi para isso que Deus nos criou, para ser auxiliadora. E é muito bom, e eu meu esposo graças a Deus, assim... com o tempo a gente vai amadurecendo, vai vivenciando coisas melhores do que já viveu. Hoje já é diferente do que era no passado, temos interação, hoje ele lava roupa, se não poder, se tiver outra oportunidade, ele vai lá limpa a louca, se tiver fazer outra coisa, ele vai lá e limpa a casa. A única coisa que ele não gosta de fazer é comida, mas isso graças a Deus eu dou conta **(Pupunha, 35 anos, agricultora)**

Mas todo mundo mesmo sai, é mais fácil o marido ficar em casa que a mulher. Aí tipo todo mundo, então, assim como eu também saio, não gosto muito de sair, mas quando eu saio, a séria é feia. E você tá bebendo, você tá conversando. E você conversa, é um assunto dez vezes a noite, todinha, mas ali mesmo você tá conversando. E são muitas mulheres, se você ver, são mais mulheres que homem. Porque a mulher quando sai, ela sai com o marido, o marido não, ele sai só, né? Porque aí você vê, é ruim. Agora, quando ele sai, o marido tem que ir. Às vezes sim. Ele tá mas lá do que eu, mas aí vai só. Quando eu vou, quer ir junto.

Agora se ele disser eu vou. Se eu não quiser, eu vou. Mas aí nesse meio aí... (**Açaí, 28 anos, agricultora**)

Nos discursos de Pupunha e Açaí, se destaca o quanto que nessa caminhada do ser-mulher-rural há olhares sobre como seus lugares estão delineados no ser-mulher. Tais discursos perpassam pelo que Beauvoir (1967/2017) cita sobre falas reproduzidas pelas próprias mulheres, que emitem estereótipos de como a sociedade estabelece as relações de gênero, perpetuando as normas patriarcais representadas em várias relações sociais. Como a própria autora descreve, uma mulher “acorrentada”. Como elas mesmas destacam em suas falas, por mais que haja uma ajuda do marido na tarefa de casa, ou, ainda, que saiam sozinhas para lazer, ainda entendem que se fosse o contrário não seriam questionados ou não teriam que se adaptar à escolha deles, pois, se ele não sabe fazer comida, “preciso saber!” Ou, ainda, se ele quiser ir sozinho para o bar, pode ir.

Faria e Curado (2018) abordam que por mais que os espaços rurais apresentem modificações e transformações, principalmente nas relações de gênero, ainda se tem a necessidade de novas rupturas em formas de existir no contexto rural e na construção de novas relações sociais orientadas por olhares não sexistas, uma vez que as mulheres apresentam o desempenho no trabalho doméstico e agrícola, sendo elas mais responsáveis dos que os homens. Apesar de nas falas das participantes ainda se encontrarem estereótipos de gênero, já se tem um olhar direcionado para além do que se debatia anteriormente.

Cabe pensar de acordo com o que Forghieri (2011) compreende acerca do conhecimento psicológico como uma vivência e reflexão ao mesmo tempo, passando a desvelar o significado da intencionalidade do ser. Tais mulheres se encontram em um mundo que se apresenta pleno em facticidades, apenas lançadas nesse contexto sociocultural e histórico. Contudo, ao pensar

pelo viés de Merleau-Ponty (2011), em que o sujeito é um ser-no-mundo e o contato deste se dá pela percepção corpórea com o mundo, experienciada no tempo e espaço, ousar pensar essas mulheres em uma espécie de jornada, em que o caminhar se dá de forma coletiva, porém mantidas invisibilizadas, andando sozinhas.

Creio, sem sombra de dúvidas, que neste momento preciso amparar-me em Beauvoir (1967/2019) quando, no primeiro volume de *O segundo sexo*, analisa os mitos geradores do papel feminino como um Outro do homem. Momento em que ressalta que as diferenças biológicas como a gravidez, o aleitamento ou a menstruação contribuíram para identificar singularidades entre os sexos, mas não eram suficientes para justificar a ordem desigual entre homens e mulheres e, dessa forma, deram origem ao “mito do eterno feminino”, que integra tantas representações: a mãe, a virgem, a pátria-mãe, a natureza – imagens ideais capazes de negar a individualidade das mulheres. Observa-se que a fala da primeira participante traz uma perspectiva de companheirismo, de auxiliar o companheiro no sustento da casa, contudo, ela própria afirma que “hoje há interação”, caracterizando o quanto de submissão a esse outro já ocorrera, como a dizer que até certo momento fora invisibilizada. A segunda fala nos traz o que Beauvoir experienciou de modo emblemático. Ela é a primeira pessoa. Um eu político. Nossa participante não se esconde atrás do “nós”, desse “nós” majestático inventado pela universidade no século XIX. Ela ousa sair; mesmo que o companheiro não queira ou se recuse, ela vai, ela sai, o que caracteriza sobremaneira a afirmação da escritora, que denominava essa situação de “a aventura de ser si mesma”.

### 6.1.3 *Jornadas cruzadas: estou na ativa*

Ruralidade é atividade, é ação! São várias ações sendo concomitantemente realizadas, o que demonstra o cotidiano das participantes do estudo em sua dinamicidade incessante. Os excertos de discurso a seguir mostram essa dimensão:

Agricultura, eu gosto de plantar, gosto de colher, gosto de criar. Pra mim, mulher rural, é uma mulher que sempre está em ativa. Nós aqui, nós não tem tempo, se tá chovendo a gente trabalha dentro de casa, se está sol a gente tá trabalhando lá fora, e a gente tem que ta o tempo todo em ativa [...] Então a gente tem que ir atrás da lenha, né? Economizar. E a gente faz o fogo, o feijão, o feijão que é mais demorado né? Pra fazer. Faz feijão, faz o arroz e aí quando terminam frita o peixe, ou vê se frita um ovo. É rápido pra fazer na lenha, aí vou lá pro roçado tirar a lenha, eu chamo os grandes tudinho, aí lá vem as pequenas **(Pupunha, 35 anos, agricultora)**

Eu me aposentei pela agricultura, né? Eu vou pro roçado, tem o roçadinho pra ali, que essa semana eu vou capinar, né? Que é pra nós. Já tava fazendo planos, já tava fazendo [...] A gente vivia assim, negócio de roça, fazia farinha com a minha mãe, a minha mãe era agricultora [...] Eu não sei ler, mas essas coisas aí eu sei fazer, né? Eu também sei fazer um pouco da agricultura [...] Fazer farinha. É um trabalho mais gostoso, né? Tem fartura em casa. A gente tem. A senhora tem casa de farinha, a nossa casa? Tem. O importante é conseguir fazer. **(Macaxeira, 61 anos, agricultora aposentada)**

No dia a dia, assim, no momento, a gente tá aí, que a gente gosta muito das criações, né? E, dia a dia, hoje, a gente joga umas galinhas ali, a gente acorda de manhã, joga umas coisinhas, joga ali com os pintos, as galinhas e tal, as coisas. É um trabalho mais ou menos rural, pega ali, vai dá uma capinada, alguma coisa, né? Tinha os meus porcos, a gente

cuidava dos porcos aí atrás, bota comida pros bichos. A gente gosta dessa vida de... rural que a gente chama. **(Cupuaçu, 35 anos, agricultora)**

As participantes Pupunha e Macaxeira relatam que em sua rotina a agricultura está associada com o ser-mulher-rural, o plantar, colher e criar os seus frutos e produtos que são sua fonte de vida e renda. Cupuaçu, por sua vez, nos traz a pluridimensionalidade do criar, explicitando essas várias funcionalidades presentes em seu cotidiano. Para além da prática agrária, essas mulheres trazem consigo em suas falas a necessidade de sempre fazer algo envolvendo cuidado, como a alimentação familiar e o cuidado de seus territórios, de suas criações.

Hoje, eu posso dizer, o que é ser mulher rural... que eu não era, morava em Manacapuru, aí meu esposo comprou um sítio pra cá, vim pra cá com ele e nós começamos do zero, morar até de barraca pra começar a fazer a casa né... aí começamos... ele né, praticamente mais é ele, é... é plantar roça, as árvores, criar pato, galinha, isso tudo ele gosta. Eu, eu mesmo só só dentro de casa, não gosto muito, mas abraço as coisas que ele gosta de fazer **(Buriti, 58 anos, autônoma)**

Então, mulher rural, ela é uma mulher que trabalha para sustentar a família dela, sem sair de casa [...] Mas o nosso trabalho lá de caseiro é agrícola. A gente planta, a gente tem umas crianças, galinhas, tem um cachorrinho no quintal, e é isso. **(Pupunha, 35 anos, agricultora)**

Ser mulher rural, é ser uma mulher que enfrenta grandes desafios, mas que esses desafios eles também trazem muitos ensinamentos e aprendizados [...] Ter uma educação melhor, é... de vida. Quer queira quer não, você aprende a ter esse lado também, né? Dessa convivência ambiental, quando você zela, você planta, você cultiva, né? Então, tem os dois lados, tem o lado de dificuldade. **(Tucumã, 58 anos, artesã)**

Dentro da agricultura familiar, homens, mulheres, crianças e todos os membros da família nuclear fazem parte da prática agrícola (Conselho Federal de Psicologia, 2019). Ainda se faz presente no pensamento das mulheres entrevistadas o cuidado da família, com destaque para o cuidado da relação marido-mulher. Herrera (2016) cita que as mulheres desempenham um papel de suma importância dentro da configuração familiar por meio de suas estratégias de manutenção e reprodução da agricultura familiar, juntamente com seus trabalhos domésticos, como visto nas narrativas das participantes acima.

Cabe ressaltar que Silva et al. (2022) discutem que a caracterização da mulher rural está voltada para seu modo de vida, dentro da área rural, bem como para sua estrutura familiar e trabalho, apesar de que seu trabalho muitas vezes passa a ser visto como cuidado, devido a uma lógica de pensamento patriarcal. Por sua vez, o estudo de Sampaio et al. (2017) aponta a necessidade do reconhecimento do trabalho dessas mulheres, sua força e potencialidades que abrem possibilidades de propiciar condições mais dignas nas comunidades nas quais estão inseridas.

A ruralidade, em sua concepção e transformação, passa a ser entendida como uma forma de viver, associada ao campo e às práticas agrárias (Savassi et al., 2018). A rotina dessas mulheres envolve a agricultura e seus derivados, como citado anteriormente, o trabalho doméstico e cuidados maternos. Suas jornadas no dia a dia apresentam funções diversificadas, o que contribui para se obter múltiplos afazeres como forma de manter a atividade e se relaciona com os movimentos do seu corpo, como atribuição de existência, em que se pode colher, criar, trabalhar e estar com esse corpo desenvolvendo sua atividade (Merleau-Ponty, 2011).

Em *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir (1967/2019) escreve acerca da independência da mulher, que durante séculos ficara presa aos mandos e desmandos masculinos, como uma

vassala. É quando *o movimento da vida* (concepção da autora) é instaurado, o trabalho. Como nos diz Beauvoir (1967/2019, p. 503), afinal “foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta”. Compreende-se, a partir das falas das participantes, que ser-mulher-rural é ser-em-movimento, é tomar suas decisões, realizar suas escolhas, é perceber-se como alguém em franca atividade e desenvolvimento, afinal, “é ir atrás da lenha”, “é ir para o roçado essa semana, capinar”, é ir “botar comida para os animais”, “ter uma educação melhor”. Todo esse movimentar-se é representativo da saída da mulher da vassalagem, pois, conforme ressalta Beauvoir (1967/2019), “desde que ela – a mulher – deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre ela e o universo não há mais a necessidade de um mediador masculino”. Essa mulher-rural toma para si a responsabilidade pela manutenção, cuidado e pelo sistema financeiro familiar. É sua atitude, diante das dificuldades e impossibilidades, fazer-se possibilidade.

## **6.2 Trabalho: plantar, colher e cuidar**

O trabalho e seu processo impactam na consciência do ser humano, pois o mesmo passa a existir a partir do momento em que se vê como objeto de seu trabalho (Marx, 2004). Nesta subcategoria, destaca-se o contexto do trabalho. Todas as oito entrevistadas são mulheres que se apresentam como agricultoras e artesãs como forma de trabalho. Levando em consideração que o trabalho é um dos fatores que levam ao movimento para o corpo, para a existência, sendo possível perceber nas falas as dificuldades, formas de aprendizagem, apoio e conexão do ser-mulher-rural-amazônica.

Trabalhar no meio rural exige dessas mulheres o corpo em movimento para realização

de suas rotinas. Tecemos esta subcategoria guiada pela proposta de Merleau-Ponty (2011) no que diz respeito ao corpo, tendo em vista que, para esse autor, é onde ocorrem percepções através de suas várias visadas sobre o mundo partindo de suas vivências e reflexões, o que possibilita refletir sobre esse ser, sua potencialidade, o ser-si-mesma, ou seja, ser-mulher-rural-trabalhadora.

### ***6.2.1 Dificuldades inerentes à ruralidade***

O campo rural se associa a termos voltados para o verde, o agrário, vida mais tranquila, dentre outros. Entretanto, lançamos um olhar para além, haja vista que os discursos trouxeram os meios de acessibilidade. Percebe-se, assim, situações cotidianas em que ocorre dificuldade de locomoção para suporte e manutenção da comunidade (Alves, 2021). Com as falas das participantes, foi possível identificar dificuldades para levar seus produtos para venda, devido a fatores relativos à locomoção e visibilidade.

Hoje eu sei, o quanto as pessoas, às vezes as pessoas dizem ‘ah a pessoa mora, trabalha na zona rural’ eu sei, eu sei a dor dessa pessoa querer vender as coisas lá para fora e não ter oportunidade, né que as vezes você planta: “ah quero vender lá fora lá em Manacapuru, lá em Manaus, tudo é dificultoso, não ter um carro, não tem como fazer” Olha o artesanato, muitas coisas, muitas mulheres aqui nossa comunidade, que gosta de fazer, mas não tem oportunidade, mesmo de saindo de pés lá da sua casa até a dona Lucia para ensinar a gente. Como eu morava lá no sítio, lá no km 33, ficava difícil de vim para cá, agora que eu moro perto da dona Lúcia, eu vou lá, faço artesanato e ela me ensina, eu já sabia algumas coisas que eu sempre trabalhei com artesanato, com negócio festa infantil, com isopor, que antigamente “coisa” tudo, agora não, ai eu parei que foi quando vim pra cá, mas eu gosto.

[...] Eu vejo sacrifício, é meio difícil, não é fácil ser da zona rural, ser como que diz [...] trabalhar [...] não é fácil. Mas com sacrifício é bom [...] haha (Buriti, 58 anos, autônoma)

Numa cidade grande você tem tudo no toque de suas mãos, já na área rural, nós já temos um pouco de dificuldade, mas que nada né tão impossível, que não possa ser feito.

**(Tucumã, 58 anos, artesã)**

A vida aqui na zona rural é meio difícil né... Porque a gente não tem condição, devargarzinho a gente vai [...] criando, plantando,. cria os filhos [...] põe os filhos para estudar também [...] isso para mim a zona rural é muito para mim [...] tem a saúde [...] que não me ajuda mais... mas eu to feliz aqui na estrada! Eu pranto mandioca, que chamo macaxeira, né? **(Macaxeira, 61 anos, agricultora aposentada)**

Os discursos de Buriti, Tucumã e Macaxeira expressam a dificuldade de levar seus produtos para a cidade, uma vez que elas residem em ramais que necessitam de meio de transporte para chegar até o destino, as feiras comunitárias. Reconhecendo que elas trabalham de forma autônoma, apresenta-se ainda mais a necessidade de fazer de forma independente, sem apoio de recursos de quaisquer naturezas; elas contam apenas com elas mesmas. Para Sampaio et al. (2017), o ser autônomo necessita de reconhecimento do seu trabalho, haja vista que este possui relação direta com a saúde devido a seu contexto histórico marcado por explorações, o que potencializa, principalmente para as mulheres trabalhadoras dentro do contexto laboral, a desigualdade de gênero e invisibilidade de seus direitos.

Entende-se que do mundo em que essas mulheres são lançadas emergem dificuldades, como elas próprias citam, porém, em suas falas, encontramos um ponto em comum: mesmo diante desses obstáculos, elas dizem que no final é “bom”, “nada impossível” ou, ainda, “estou feliz na estrada”. Para Castro (2017), o mundo é visto como um elemento, onde o mundo ôntico

está no meio de nós e o mundo ontológico, por meio da compreensão que temos, está entre nós, ou seja, no primeiro estou imerso na atividade, no mundo como ele se apresenta a cada um; no segundo, no constante e contínuo arranjo de significados elaborados por meio de nossas experiências. Associo o pensamento de Castro com os excertos de discursos, com o mundo que essas mulheres vivenciam, pois, independentemente de o campo rural apresentar dificuldades (mundo ôntico), atribuem sentidos a ele, compreendem o ser das coisas que lhes são trazidas (mundo ontológico), o que torna compensatório ser mulher-rural.

O contexto mencionado é diretamente proporcional à compreensão de Maurice Merleau-Ponty (2011) no que tange ao exercício da corporeidade, tendo em vista que a compreensão desse constructo nos remete ao fato de que somos/estamos imersos nas situações que nos ocorrem diariamente, e, com isso, sentimo-nos pertencendo e pertencentes a cada experiência cotidiana, experienciamos o *Lebenswelt* (mundo vivido). Assim, a cada dificuldade que se apresenta na vida dessas mulheres rurais, novas possibilidades são refletidas e originam novas ações, novas perspectivas.

Em “A caminho da libertação”, de *O segundo sexo*, Beauvoir (1967/2019) examina a condição feminina nas dimensões biológica, psicológica e histórica, mostrando que a mulher independente, como nossas participantes, luta por sua autonomia econômica. Dentre outras, lidam com maiores dificuldades para serem mulheres livres, porque escolheram a luta, não a resignação. Concepção expressa magistralmente pelas participantes deste estudo em relação à sua busca por gerir sua própria renda e as dificuldades daí advindas. Desse modo, ousarei neste momento amparar-me nessa autora e, a partir da fala dessas mulheres, direcionar-me às suas experiências, dificuldades, propósitos e dizer: ninguém nasce livre, torna-se livre!

### ***6.2.2 A atividade rural é aprendizagem transgeracional***

Para certas mulheres, o primeiro contato com o trabalho rural foi dado por meio de aprendizagem transmitida por algum componente familiar, com destaque para suas mães ou avós. Essa aprendizagem foi dada de forma transgeracional, o que reflete a discussão de Simone de Beauvoir (1967/2019) sobre o espaço das mulheres, que acaba sendo demarcado pelas atividades de cuidado, enquanto as mulheres, dentro desse espaço rural, assumem desde cedo afazeres de práticas rurais, como uma forma de cuidar do lar e da manutenção da família.

Wagner (2014) compreende que esse fenômeno de transmissão transgeracional se constitui na historicidade, possibilitando identidade à configuração familiar e explicando o significado das idiossincrasias, bem como as situações que caracterizam o funcionamento familiar da última geração. Destaca-se neste momento como a produção agrícola e práticas de atividades rurais estão interligadas a vínculos familiares e assuntos voltados para funções de trabalho. Cabe, assim, observarmos e refletirmos sobre as relações de gênero, para a partir daí compreendermos as realidades dessas mulheres rurais (Schneider et al., 2020). Nossas participantes trouxeram que o contato com a prática rural se deu pelo incentivo familiar ou por já residirem no contexto rural, entendendo-o como uma forma de aprendizado para se reconhecerem como mulheres-rurais.

Como eu tenho costume de trabalhar na roça, eu trabalho na roça, torra a farinha, gosto muito, gosto demais! Comecei cedo, mais ou menos com uns 10 anos, minha mãe levava a gente pra plantar arroz, eu lembro até hoje! A gente cortava arroz, com a faquinha, aí depois levava para bater, arrancava as cascas, colocava na máquina. Plantar roça, eu gostava muito. **(Jambo, 50 anos, agricultora)**

É cobrado pelos pais. Não, tem que colocar isso aqui. Quando nós éramos pequenos, montamos, a gente não podia carregar, fazer muito esforço. “Bora, plantar rosa. Vamos colocar aqui: são duas manívilas<sup>1</sup> em cada buraco, vão colocando”. Aí a gente era pequenininho, já ia colocando as manívilas, o outro já ia com pezinho, puxando com o pezinho assim a terra para plantar. E na casa de farinha, a gente já pegava aquelas faquinhas pequeninhas para descascar mandioca, cortava o dedo. Pode ser como os dedos são todos tizados, né? Cortava os dedos, mas com o aprendizado. Então é muito importante esse trabalho rural. **(Pupunha, 35 anos, agricultora)**

Eu vou pro roçado, tem o roçadinho pra ali, que essa semana eu vou capinar, né? Que é pra nós. Já tava fazendo planos, já tava fazendo... A gente vivia assim, negócio de roça, fazia farinha com a minha mãe, a minha mãe era agricultora. Eu não sei ler, mas essas coisas aí eu sei fazer, né? Eu também sei fazer um pouco da agricultura. Fazer farinha. É um trabalho mais gostoso, né? Tem fartura em casa. **(Macaxeira, 61 anos, agricultora aposentada)**

Os excertos de discursos possibilitam compreender que o contato com as práticas rurais das participantes foi experienciado sob o viés de aprendizado transgeracional. Ao vivenciar esse aprendizado, as mulheres experienciam o que Merleau-Ponty (2011) entende como ser-no-mundo, ou seja, a autoconstrução inerente a esse aprender, o que culmina no autoconhecimento de quem se tornaram, mulheres-rurais.

Assim, enfatizamos que o ser-mulher-rural é um fenômeno que se desvela como meio de construção de aprendizagem provocado por vínculos familiares. Representa, dessa forma, que a compreensão da vivência dessas mulheres perpassa por captar a experiência do aprender e apreender como forma de apresentar o fazer rural como seu ser-no-mundo-sendo.

---

<sup>1</sup> Manívilas: espécie de arranjo de planta para plantio.

Merleau-Ponty (2011) relata que a relação com o outro permite ao ser olhar para o mundo em que está inserido e perceber as experiências dadas por meio dessa relação. A forma como o mundo das participantes é vivida está interrelacionada com sua configuração familiar e práticas rurais, como forma de gesto ou atitude nessas relações, ou seja, estas últimas são a consubstanciação das primeiras. Daí, forma-se o senso de identidade de quem são, como chegaram ao ponto em que estão e como se apresentam enquanto mulheres rurais. A partir da perspectiva merleau-pontyana, compreende-se esse movimento do existir denominado mulheres rurais como corporeidade, haja vista que se observa a vivência do pertencimento a esse mundo rural desde o primeiro contato, o plantar e o colher, que proporcionam um aprendizado cultivado em suas configurações relacionais, evidenciando quem são, assim como seu território, o campo rural.

### ***6.2.3 O trabalho rural me permite ser-com-a-terra***

O trabalho rural das participantes está interligado com a terra. Seja no plantar e/ou colher para fins de agricultura, ou ainda no colher e criar para a construção do artesanato, cada participante possui relação com o seu trabalho diretamente ligada à terra, o que permite experienciar o ser-si-mesma, mulheres-rurais-trabalhadoras. Corroborando com essa acepção, Pizzinato et al. (2015) destacam que o contexto rural possui representações e ações, que são transparecidas no cotidiano e construídas por aspectos singulares. Nesse contexto, as mulheres rurais relatam como o seu trabalho permite ser-com-a-terra, ser-mulher-rural-pertencente à terra, sob o viés da conexão e da liberdade.

Porque hoje, conviver dentro da área rural, eu posso dizer, pois estou morando aqui, é..  
você sair da zona de conforto e tentar se adaptar em uma área que ela vai te trazer muitos

ensinamentos e oportunidades. Oportunidades nas quais, de conviver com a natureza, saber trabalhar com o meio ambiente, né? **(Tucumã, 58 anos, artesã)**

Em termos de você viver livre, né? E lá você vive praticamente todo o tempo trancado, né? Com quatro paredes. Aqui não, a gente tá aqui, tem um ar livre, tem as árvores, tem aquelas coisas pra gente olhar, aquela... É que tá acostumado, né? Criança também fica ali brincando, ali não tem aquele perigo, né? A gente está todo tempo com medo de carro, tá ali? É, vem se vamos, vem se não. Tá aqui, aí a gente tem que comer, comer uma coisinha fresca, pega ali, pega uma galinha, mata uma galinha, pega um porco ali, pega uma galinha. E assim vai, nessa vida. Lá não é muito diferente, eu vou pra lá, na semana eu vou dormir lá e já estou querendo voltar. [...] E, dia a dia, hoje, a gente joga umas galinhas ali, a gente acorda de manhã, joga umas coisinhas, joga ali com os pintos, as galinhas e tal, as coisas. É um trabalho mais ou menos rural, pega ali, vai da uma capinada, alguma coisa, né? Tinha os meus porcos, a gente cuidava dos porcos aí atrás, bota comida pros bichos. A gente gosta dessa vida de... rural que a gente chama. Você leva os meninos pra Manacapuru e não se dão. **(Cupuaçu, 35 anos, agricultora)**

Negócio de agricultura, de estar ali naquele sol [...] Eu vou ali plantar uma coisa, eu gosto muito de plantar, gosto de meter a minha mão na terra mesmo. **(Açaí, 28 anos, agricultora)**

Para Tucumã, Cupuaçu e Açaí, estar no âmbito rural permite ter contato com a terra e ir ao encontro de tal contato, possibilitando-as vivenciarem a sensação de liberdade, de conhecer essa terra que faz parte de quem elas são e, literalmente, as constitui. Barros et al. (2017) apresentam em seu estudo que o gênero feminino possui participação de destaque no desempenho dos vários papéis dentro do contexto rural experienciados em suas relações intersubjetivas durante a prática de lazer, uma vez que a criação e os cuidados do lar são

associados a uma forma de processo produtivo. No dizer das pesquisadoras, essas mulheres vivenciam o seu trabalho rural cotidianamente, sendo visto algumas vezes como forma de lazer, uma vez que, nas falas trazidas, isso representa ser mulher-rural.

A relação com a terra que essas mulheres citam no seu dia a dia possui conexão com o corpo, visto que esse corpo é o que as move em direção dessas práticas rurais. O que leva a refletir: em que medida o corpo é esse elemento que as leva a experienciar o mundo, o ir ao encontro da terra? O corpo é um ponto norteador para a compreensão da característica humana, pois ele é pertencente a um lugar de experiência subjetiva (Merleau-Ponty, 2011). Aqui, começamos a tecer o quanto a subjetividade pode ser compreendida como uma colcha de retalhos, composta pela historicidade, cultura, relações sociais e afetos experienciados pelo ser humano (Nóbrega, 2008).

As falas das mulheres participantes deste estudo me fizeram compreender que um dos constituintes de sua subjetividade é, exatamente, o contato com a terra, o manejo da área rural em que seus corpos habitam. É através desse movimento corporal em direção à terra e tudo o que aí se faz presente, e, principalmente, o de se permitirem pertencer à terra – a que atribuo o termo ruralidade, propriamente dita – que ocorrem suas percepções sobre si mesmas e a importância de reconhecerem um corpo em atividade, um corpo que sente, um corpo que percebe as várias dimensões da experiência em ser-mulher-rural. E isso permite olharem para si sob novo viés, sob novo sentido: a compreensão sobre o que se é e como esse mundo é composto, o que caracteriza o constructo que o filósofo francês denomina como escapo, a possibilidade de atribuímos novos sentidos às experiências vividas no caminhar cotidiano. Em seus momentos com a terra, vivenciados a pequenos passos desde quando saem de sua casa, já que suas casas fazem parte desse território pertencente à terra, elas percebem quem são e

conseguem olhar: eu sou com a terra! O que, para Merleau-Ponty (2011), é a efetivação da percepção em ser quem se tornou na relação, neste caso, com a terra.

#### **6.2.4 Comunidade como apoio**

Imersas na área rural, algumas mulheres citaram o quanto a comunidade, vizinhança e amigos se tornam apoio durante suas práticas rurais e também no lazer. No espaço rural e nas questões ambientais, se destaca a influência da organização nas práticas agrícolas, pois a natureza fornece os elementos essenciais para esse processo (Moser, 2018). A partir de então, o espaço rural está integralmente ligado com a natureza, onde ela permanece num lugar de fonte de renda para essas mulheres, assim como de lazer, mesmo que seja pontuado como lazer o fazer de práticas agrícolas.

Nesta subcategoria, gostaria de convidar à seguinte reflexão: em que circunstâncias o fazer das práticas agrícolas surge como aproximação da comunidade? As falas seguintes pontuam que as práticas rurais e a relação com a comunidade são compreendidas como um ato de cuidar, emergindo através dos momentos no convite de suporte para colheita e trocas em suas relações, no produzir e no vivenciar o seu trabalho rural.

Tem uma... assim... a hora que a gente vai fazer mais farinhada<sup>2</sup>, né? Que a gente faz aqui, quando a gente se junta. Aliás, você vê. Ali é um trabalho pesado, mas é um trabalho gostoso. Tem fuxico<sup>3</sup>, tem. Que é uma roda que não tem, né? Aí a gente vai fazer a farinha agora, chama o fulano, chama o ciclano, a gente vai fazer. É um trabalho pesado, mas se torna gostoso, tá brincando, conversando, todo mundo interagindo. Então assim, aí vai

---

<sup>2</sup> Farinhada: fabricação de farinha.

<sup>3</sup> Fuxico: ideia de realizar comentários sobre algo ou pessoas.

embora. A gente chama outras pessoas também quando vem fazer, né? Todo mundo fica ali, naquela coisa. Ah, legal. É muito bacana (...) . De um tempo para cá ela chamou, aí eu fui ajudar. E agora toda vez ela fala, a minha filha, bora me ajudar porque, como ela já está na idade, eu já não tenho mais força para terminar. Vai fazer, se ela vai fazer, ela pega, tu vem fazer, eu só vou fazer se tu vir fazer, me ajudar a fazer. Então bora, a gente vai fazer. E assim vai. A gente vai e faz as coisas para fazer. Não tem? Não tem tempo ruim, não, pra gente. **(Cupuaçu, 35 anos, agricultora)**

[...] agora que eu moro perto da dona Lúcia, eu vou lá, faço artesanato e ela me ensina, eu já sabia algumas coisas que eu sempre trabalhei com artesanato, com negócio festa infantil, com isopor, que antigamente “coisa” tudo, agora não, ai eu parei que foi quando vim pra cá, mas eu gosto **(Buriti, 58 anos, autônoma)**

E você tá bebendo, você tá conversando. E você conversa, é um assunto dez vezes a noite, todinha, mas ali mesmo você tá conversando. E são muitas mulheres, se você ver, são mais mulheres que homem. **(Açaí, 28 anos, agricultora)**

Como dito pelas mulheres, a comunidade oferece apoio, seja na colheita, no produzir ou ainda nos momentos de lazer. Na pesquisa de Gomes et al. (2016) se coloca em pauta como o espaço rural é baseado na construção social do contexto em que se está inserido, sendo este incorporado por hábitos, formas e técnicas de trabalho, proporcionando assim as singularidades do ambiente. Conforme essas mulheres se habitam no seu espaço rural, elas criam hábitos para lidar com mais leveza e harmonia com seus processos produtivos, e a rede de apoio é essencial nesse processo.

A participante Açaí enfatiza o seu momento de lazer, relatando que costuma frequentar lugares com outras mulheres para conversar e beber, e que nesses lugares há mais mulheres do

que homens, o que leva a refletir, de acordo com a pesquisa de Pizzinato et al. (2015), sobre as questões de gênero que ganham forma nas caracterizações populares, vistos que certos papéis são de mulheres e outros de homens, sendo o da mulher voltado aos cuidados e família e do homem o trabalho viril e de proteção. Mas, como percebemos, para essas mulheres já se tem um rompimento dessa ideia de papéis, que em suas práticas de lazer são, peremptoriamente, seres de escolha e de tomada de decisão e, com isso, optam por onde ir, para onde ir e com quem ir. São, assim, mesmo sendo apresentado em momentos diferentes, o que Beauvoir (2017/2019) caracteriza como independente, a mulher independente. Entretanto, a autora adverte, inclusive sob um viés pessimista algumas vezes, que talvez esse constituir-se mulher deixe a desejar em alguns momentos, embora deixe claro, por outro lado, que esse é o movimento a ser realizado pelo gênero feminino, a conquista de ser-si-mesma, com tudo o que isso implica (ser apontada como rebelde, que deveria respeitar mais o homem com quem vive etc.).

No campo dessas redes de apoio, aqui compreendidas como a comunidade, percebe-se a importância das relações desse convívio. Merleau-Ponty (2019) elaborou um constructo que, possibilita compreender essa dimensão do vivido, a intercorporeidade. Afinal, é um movimento de compreensão verdadeira do outro, onde eu me constituo como quem sou na relação com o outro que caminha comigo, o meu corpo é o mediador de toda essa processualidade relacional, pois ele é o meio em que a percepção sobre mim e o mundo é efetivada. Assim, ao me relacionar com outros, compreendo que ocupo o mesmo espaço que este, e dessa forma passo a fortalecer meu existir. Destarte, ao entrar em contato com a comunidade, essas mulheres passam a consubstanciar-se como existência, como existentes, tendo em vista que, em seu direcionar ao outro, concomitantemente, ocorre a transformação na relação consigo mesmas, com o outro, com o mundo.

### **6.3 Corporeidade na mulher-rural: o ser-em-movimento**

A corporeidade é compreendida como condição inerente ao ser humano, pois através do corpo vivo são vivenciadas diversas formas de sentidos e significados. Logo, o corpo, a forma em que estou encarnado no mundo, e a corporeidade viabilizada a partir de determinada situação oriunda do ambiente são os dois expoentes existenciais onde acontecem a experiência do mundo vivido (Merleau-Ponty, 2011). O ser mulher-rural-trabalhadora perpassa nuances que envolvem os aspectos corpo e corporeidade. Dois fatores que colocam essas mulheres em movimento dentro do mundo no qual estão lançadas.

O corpo não é apenas um objeto físico, mas sim um meio de expressão e de interação com o mundo. Através do corpo, o ser humano se relaciona com o ambiente, com os outros e consigo mesmo, sendo a base para a compreensão do mundo e o ponto de partida para a filosofia fenomenológica proposta por Merleau-Ponty (2011).

A corporeidade e a intersubjetividade são destacados na filosofia desse autor, tendo em vista a importância de considerar o corpo não apenas como uma entidade individual, mas como um meio de comunicação e partilha com os outros. A intersubjetividade, então, revela-se como uma dimensão fundamental da corporeidade, pois é por meio da interação com os demais que o corpo adquire significados e se constitui como parte integrante da experiência humana (Merleau-Ponty, 2011).

Nessa categoria de análise, será abordada a corporeidade da mulher-rural, sua relação com o corpo e suas percepções acerca dele, assim como a discussão sobre gênero dentro da área rural e práticas agrícolas.

### 6.3.1 *Limitações: saúde física*

O existir-mulher já implica uma gama de complexidades para a compreensão de seu mundo vivido. Desse modo, ao pensar esse existir no contexto rural, precisamos atentar para determinadas demandas específicas que precisam ser debatidas e visibilizadas (Lopes et al., 2018). O que me leva a discutir o que é ser mulher-rural, bem como suas funções de trabalho, atravessadas pela corporeidade. Essa circunstância me impulsiona ao debate sobre o espaço que as mulheres rurais ocupam e como são vistas pelo outro, fator que considero um dever dentro desta pesquisa, principalmente no que tange ao entendimento da categoria mulher rural e trabalhadora.

Ao pensar sobre como se compreende enquanto ser mulher-rural, algumas participantes pontuaram o corpo com olhar biológico, o corpo físico. O corpo que as leva ao trabalho rural cotidiano é trazido em suas falas sob outro viés, em que são destacadas as limitações relacionadas à processualidade do envelhecimento:

“É muito importante, antes eu podia subir nas árvores, fazer as coisas com ele, limpava tudo, hoje meu corpo não permite, tenho muito problema de doença, nos braços, nas pernas que eu tenho nervo ciático, tudo isso também apareceu... que a gente sai... é uma área que é barro, anda de moto, cai. Isso tudo, carregar as coisas, não é fácil, contraí um bocado 4de doenzazinha um pouco, pressão alta então é demais. Sinto diferença, antes... às vezes você senta vê os passarinhos, os cantos dos passarinhos, aquelas coisas tão bonita né... mas tem hora que você fica triste.... muita coisa que você gostava de fazer, já não pode fazer muito,

---

<sup>4</sup> Bocado: intensidade, muito ou bastante.

devido a gente se der da zona rural, ficar carregando as coisas, fazendo as coisas não é fácil.” **(Buriti, 58 anos, autônoma)**

Mas também, tem por outra parte, tem o trabalho da roça, que é a capina. Aí, às vezes, a gente põe no se alongar, põe no fazer aquele exercício, né, assim, de alongamento, aí, às vezes, a gente causa lesão no corpo da gente. A gente vê aí mulheres com, por exemplo, eu na minha idade já tenho algumas lesões no corpo, né, que a gente sente já aquela dor na coluna aqui, porque carregou muito peso, porque fez um esforço demais, né? Não que o trabalho rural seja um trabalho prejudicial, não. É assim, a gente, por não conhecer ou não saber a capacidade do nosso corpo, acaba extraindo demais, né? Cada corpo da gente tem um limite, né? **(Pupunha, 35 anos, agricultora)**

Agora meu corpo já está cansado. É cansado. Por isso que agora eu já faço as coisas, mas poucas, né? Porque eu já não era nova, e aí a gente sabe o seu corpo não aguenta, né? E aí...assim mesmo, não é trabalho. Pega o carão deles, mas... **(Macaxeira, 61 anos, agricultora aposentada)**

Desde quando eu peguei o primeiro filho e lascou minha costa, não é ruim. Eu capino bem muito, na mesma largura que eu tô aqui. Eu tô lá, você vai ver, tem um pedacinho assim, todo dia eu capino um pouco aí de tarde, de manhã, capino um pouco, qual hora que eu quero, e ela chega e tenta almoçar o próximo. **(Açaí, 28 anos, agricultora)**

Entre as participantes que pontuaram sobre as questões das limitações físicas, duas delas encontram-se numa faixa etária da vida adulta tardia para o envelhecimento e vivenciaram o trabalho rural desde muito jovens, na realidade, desde que nasceram. Na pesquisa de Silva et al. (2022), o perfil demográfico das mulheres rurais se caracteriza pelos poucos anos de estudo formal, idade economicamente ativa, com relacionamento conjugal e filhos, dentro da renda

mensal de até um salário mínimo, desempenhando funções de trabalho rural. As falas de Buriti e Macaxeira abordam questões de saúde, uma vez que essas mulheres percebem suas limitações físicas, corroborando com a fala de Açaí, que desde a sua gestação teve implicações na saúde.

Quando olhamos e compreendemos a fala dessas mulheres dentro desse contexto, passamos a refletir sobre as dificuldades e cuidados em torno de seus trabalhos. Lima (2020) ressalta em seu estudo que as mulheres residentes na Região Norte apresentam maior dificuldade em acesso ao trabalho, saúde e políticas públicas, reflexo de precariedades no atendimento das demandas do Estado. Penso que as participantes de minha pesquisa são um breve recorte de mulheres deste mesmo Norte, tendo em vista que enfatizo uma acessibilidade mais escassa devido a residirem em ramais, longe de cidades com estrutura de saúde, transportes públicos coletivos e acesso às demais políticas públicas.

O movimento de tomar consciência desse corpo como uma limitação as leva à vivência da tristeza ou à percepção de um lugar que representa inautenticidade, pois o ser mulher-rural, até então visto como movimento-ação, passa a ser experienciado de outra forma, um corpo que se mostra limitado (Merleau-Ponty, 2011). E o corpo ser-mulher-rural-movimento vai sendo atravessado pelo cansaço, pela dificuldade oriunda do trabalho que desenvolve. O corpo condutor do labor encontra novos sentidos, diferentes do construído anteriormente. Passa do ser-mulher-rural-trabalhadora da terra para a facticidade do envelhecer.

Limites. Limitações. O corpo aos poucos se exaure, clama por descanso. As participantes da pesquisa, imersas em sua responsabilidade, em seu cuidado com o outro, percebem mesmo assim essa dimensão do exaurir. Contudo, forjadas na luta pela subsistência, muitas vezes pela sobrevivência propriamente dita, esquecem o cansaço e, como diz Açaí, “todo dia eu capino um pouco”, ou seja, o locus é o trabalho cotidiano que precisa ser realizado,

mesmo às expensas de sua própria saúde. Suas falas me remetem às Amazonas, mulheres de brio, fortes, guerreiras, das quais certamente herdaram a firmeza em se manterem ativas, trabalhando cotidianamente, mesmo já sofrendo fisicamente. Não se permitem parar.

“O que me inebriou quando retornei a Paris, em setembro de 1929, foi primeiramente minha liberdade [...] Repentinamente eu a possuía, a cada gesto [...] Eis que afinal eu estava na minha casa” (Beauvoir, 1960/2022, p. 19). Este escrito da pensadora vem ao encontro da vivência dessas mulheres no que diz respeito à independência existencial, uma vez que, apesar das dificuldades inerentes aos anos de exposição ao trabalho que consome suas forças pouco a pouco, mantêm-se firmes em seu propósito de vida, na conquista de seus objetivos. Ouso, neste momento, considerar que essas mulheres-rurais-amazônidas não permitem que sua corporeidade seja silenciada.

### ***6.3.2 Corpo que não pode parar!***

As experiências dessas mulheres rurais vão ao encontro do seu corpo, de modo que cabe olhar para a temática da corporeidade, em que se busca descrever o sentido e significado da experiência obtida através da relação com o corpo (Merleau-Ponty, 2001). Os seus trabalhos se concretizam através do seu corpo e da relação da corporeidade dentro do contexto rural. Aliados às práticas agrárias, outros afazeres de manutenção familiar são destinados e incorporados por essas mulheres rurais.

Essa reflexão corrobora a ideia de Torres (2011) quando diz que as relações sociais do trabalho são uma rede simbólica de sinais e significados, na qual os elementos da terra, floresta e rios representam esse respeito e preservação, por meio dos papéis familiares de pessoas rurais. Complementa-se assim a ideia da manutenção familiar através desses elementos, onde a mulher

desempenha diversas atividades, o que, com efeito, podemos imaginar. Algumas mulheres destacaram em forma de necessidade a ideia de que seus corpos não podem parar; o estar em movimento nessa subcategoria encontra-se de forma ativa e por meio de uma identidade de como elas se percebem como mulheres-rurais. Preciso estar em movimento.

Eu acho que tem mais energia, que a gente se dispõe mais, aí vai queimando aquelas calorias, vai criando mais força. Porque se ficamos só parada, vai envelhecendo né, para mim é isso! **(Jambo, 50 anos, agricultora)**

O nosso corpo não foi feito para ficar parado, o nosso corpo foi feito para se movimentar. Pra mim, eu acho um privilégio por tem a gente tem essa oportunidade, assim, né? De se movimentar. Você vai ali no canteiro, você se abaixa, você vai arrancar os matos, e pega uma chave, capina e pega um adubo, carrega pra um lado, bota um.. Entendeu? Aquela atividade, essa atividade, essa locomoção, ela movimenta. [...] Pra mim, eu acho um privilégio por tem a gente tem essa oportunidade, assim, né? De se movimentar. Você vai ali no canteiro, você se abaixa, você vai arrancar os matos, e pega uma chave, capina e pega um adubo, carrega pra um lado, bota um.. Entendeu? Aquela atividade, essa atividade, essa locomoção, ela movimenta. **(Pupunha, 35 anos, agricultora)**

O meu trabalho mais é em casa mesmo. Sim. Eu trabalho mais no meio de vendas. Eu entrei do nada, tentei e deu certo. Então aí vou fazer dois anos. Dois anos. É porque quando eu estive só em casa, eu não podia fazer alguma coisa. Não pode ficar parada, né? É porque eu gosto muito de comprar muitas coisas, então eu falo assim, não dá, é só pra ver. **(Açaí, 28 anos, agricultora)**

A fala das participantes acima retrata como elas desempenham suas atividades, dentro de funções de cuidado ou ainda dentro das práticas agrícolas. No estudo de Nina (2014), se

apresenta o recorte das comunidades amazônicas e o trabalho de mulheres rurais, onde se discute como os espaços públicos e privados impactam na forma de olhar para essas mulheres como trabalhadoras rurais. As atividades que as mulheres rurais enfrentam vão do trabalho em espaços públicos como fonte de renda a atividades de cuidados em espaços privados, sendo estes todos como uma forma de trabalho, o que acarreta que no meio dessas singularidades suas formas de vivenciar suas atividades sejam internalizadas.

Para elas, há uma necessidade de colocar seu corpo em movimento, de não o deixar parado. Esse corpo precisa ser habituado a estar em movimento, pois é nele que surge o corpo-vivido, onde se percebe, se move, deseja e sofre fenômenos que surgem por meio das vivências (Dentz, 2008). Através do estar-em-movimento me coloco e me deparo com a minha carne, componente do corpo-vivido, como uma forma de ser visível, como uma forma de compreender esse corpo, que precisa ser olhado e visto, por mim e pela sociedade como forma produtiva.

### ***6.3.3 Corpo que vai ao encontro a terra***

O Ser-com-a-terra abordado anteriormente nesta pesquisa fala sobre a relação dessas mulheres com a terra, a percepção que elas têm quando vão ao encontro da terra. Aqui, será discutida a noção do corpo que necessita ir ao encontro da terra para, assim, ser-com-a-terra. Castro (2017) descreve que o corpo passa a se transformar em um lugar em que o mundo faz sentido, pois demonstra a única forma de ser quem ele é, sendo um ser de percepção e que se abre para a realidade que o leva à reflexão. Em consequência, esse mundo é meu mundo dado como percebido, tendo como característica o meu corpo em carne e osso. Com isso, algumas participantes trouxeram em seus discursos o movimento de ir ao encontro da terra como uma forma de contato com a terra e com quem elas são.

A gente, hoje, eu posso dizer que me vejo, com saúde, com mais habilidade física, porque hoje, na área rural, eu sei que eu tenho que limpar, que plantar, eu tenho mais contato com a natureza e isso me traz um benefício para o meu corpo, né? Porque eu respiro um oxigênio mais puro e também eu tenho o maior de todos as coisas, que é o contato da natureza. É acordar, é eu saber que eu tenho que regar as plantas, que eu tenho que pegar, fazer mudas, é saber que eu tenho que fazer todo aquele acolhimento que faz bem para elas e para mim.

**(Tucumã, 58 anos, artesã)**

[...] lá o meu terreno é bem grande, assim, também. E eu capino minha casa todo dia. É que eu passei um mês, mas aí eu fico aqui, capino tudo. **(Açaí, 28 anos, agricultora)**

Como mencionado por Tucumã e Açaí, ir ao encontro da terra permite que ocorra o movimento corpóreo na sua relação com a terra. Matthews (2010) discute sobre a importância de compreender o fenômeno da essência que está incumbida na forma de entender as relações do ser com o mundo. Logo, olhar para essas mulheres dentro do âmbito rural proporciona a reflexão de como a terra passa a ser um elemento central na construção de sua relação com o mundo, para assim o fenômeno de ser mulher-rural se apresentar e se compreender.

Ao observar e escutar as falas das participantes acima, compreende-se que, ao realizar o movimento corpóreo de ir ao encontro da terra, essas mulheres se lançam ao lugar a que elas se sentem pertencentes, como uma forma de abertura, na medida em que Merleau-Ponty (2011) destaca que a descrição da experiência dada da existência urge como uma possibilidade e abertura para o mundo. Conseqüentemente, ao entrarem em relação com a terra, o ser mulher-rural se desvela como uma possibilidade de existência e mundo.

#### **6.3.4 Cuidados com esse corpo**

Para algumas mulheres, a relação de ser mulher-rural está associada ao campo e práticas agrárias, ou ainda, como vimos anteriormente, estar na ativa. Nessa subcategoria, durante as entrevistas, houve falas de algumas participantes que destacaram a importância do cuidado com seu corpo que vai para essa prática rural.

Hoje em dia é porque a gente já se cuida mais um pouco, né? Se eu vou sair pra ir fazendo trabalho em um solo. Eu não vou com o meu corpo descoberto, eu vou com uma blusa de manga, uma bota, calça, chapéu, tudo. Passa por tudo, passa alguma coisa. E vai, mesmo se não ter, mas a gente dá um jeito de se cobrir, de não ficar, né? Agora tem que ter... Você mora na cidade, você não se cuidar, aí que é o que eu vejo muito, né? Gente que mora lá, é pior do que a gente que mora aqui. Sim. A gente tem que se cuidar, tem que se cuidar com o sol, no caso, né? E coisa mais a pele da gente, a pele da coisa toda. Mas a gente tem esse cuidado sim, do corpo da gente, de ajeito. De se arrumar, né, pelo menos, pra fazer alguma coisa. Mais ativo aqui é. Aqui qualquer coisinha, você tá ali, é um solzinho pra ali, se você vai ali é um solzinho. Tudo a gente tem esse cuidado, né? Da saída. **(Cupuaçu, 35 anos, agricultora)**

No frente tem as coisas da gente pra fazer, tá certo, a gente não vai passar o tempo pra de um arrumadinho ali dentro de casa, mas na hora de sair você vai fazer alguma coisa, você vai ver, tem essas coisinhas, ela tem as coisas dela ali, você vai sair ela paga com um protetorzinho, a gente já tem esse costume, você vai pra roça, ali eu vou capinar, vai capinar e vou, ele diz o que tu faz todo arrumado desse jeito? Maninha, tem que passar um protetor só lá na cara, passar um batom que tem protetor, vou capinar, vou pro sol, eu digo desse jeito, ela diz, é, vou dar um arrumado. **(Cupuaçu, 35 anos, agricultora)**

E incentivo se cuidarem tal é tudo igual dos produtos tudo que eu uso eu falo né bom entendeu é o incentivo também se cuidar porque tem gente que só o sangue de Jesus tem poder aí tipo eu pego falo incentivo tudo isso mas a gente tá aqui né porque como é que o zé que eu falo? Nós somos do mato, nós somos do mato, aqui não sei não, ninguém vai me limpar uma unha, e ninguém repetir um cabelo. **(Açaí, 28 anos, agricultora)**

No olhar dessas mulheres rurais, ser inserida no campo rural significa também cuidar desse corpo que me leva à produtividade. Dessa forma, elas debatem o quanto são necessários os cuidados, ainda enfatizando percepções estereotipadas, como se no âmbito rural as mulheres não pudessem ter esse cuidado. A pesquisa de Lopes et al. (2018) evidencia o quanto há preconceitos voltados para homens e mulheres rurais devido às representações sociais desse ambiente, sendo vistos como atrasados ou ultrapassados. O que vai ao encontro das falas aqui abordadas, pois para essas mulheres há uma necessidade de romper com ideias de que não se deve ter cuidado consigo mesma.

Gomes et al. (2016) evidenciam que a representação feminina nos espaços rurais deve ser promovida e visibilizada tal como destacado em contextos urbanos, uma vez que ainda são associados a pensamentos tradicionais. Pensar no espaço rural como uma possibilidade dessas mulheres rurais olharem para seu corpo para além de uma lógica produtiva de trabalho e manutenção é de suma relevância para pensar numa corporeidade lançada a possibilidades, para além de visões estereotipadas.

A partir do momento em que essas mulheres olham para seu corpo além das funções pertencentes a práticas agrárias e manutenção da família, elas se deparam com as formas de cuidados, estas discutidas muitas vezes como cuidado familiar. Nas suas discussões aqui apresentadas, elas passam a se deparar com um cuidado para além do núcleo familiar, o cuidado

consigo, com a sua forma de se relacionar com o mundo e como elas se apresentam a ele. Para Maurice Merleau-Ponty (2011), voltar para si é direcionar-se para um mundo prévio, transmitido antes das reflexões do mundo com conceitos já pré-estabelecidos, pois é através da sua percepção corpórea que se experiencia o mundo. Ao olhar para si através desses cuidados pontuados pelas participantes, percebe-se uma nova via de existência nesse mundo, desvelada e percebida como ser-mulher-rural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta dessa pesquisa teve como objetivo compreender a percepção de mulheres rurais sobre o corpo e o trabalho rural sob a ótica da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, para isso, foi preciso conhecer como o fazer laboral dessas mulheres rurais são vivenciados, bem como suas estratégias de visibilizar seu *métier*, assim como suas percepções sobre este e o processo de corporeidade. A discussão iniciou-se pelos atravessamentos de gênero e ruralidades, no que cabe destacar como se apresenta esse vivenciar rural na Amazônia. Com isso, houve suporte teórico guiado pelo autor Merleau-Ponty e suas noções de corpo e corporeidade e algumas pontuações de obras de Beauvoir.

Essa trajetória é marcada pela inquietação de “Como é ser mulher trabalhadora rural?”, e caberia aqui até uma nova reflexão ou adendo, desse trabalho dentro do Norte ou Amazônia. Nas buscas de literaturas e produções, pude me deparar com uma quantidade significativa de discussões sobre mulheres rurais, mas quando se pensava pelo olhar da fenomenologia me deparava com limitações e ainda mais estreitamentos ao pensar na região Norte, com isso, se via, mais ainda a necessidade de discutir sobre essa pesquisa. Considerar abrir discussões sobre mulheres rurais se desdobra como atos de resistências ou ainda espaços democráticos de saberes, uma vez como vimos, as discussões quando se encaminham para gênero apontam a necessidade de debater novas formas visibilizar mulheres e seus avanços e entraves dentro da sociedade.

Se, levarmos em consideração que mulher rural se dá pelo seu modo de vivenciar dentro de um território rural, podemos compreender que essa existência parte do encontro com o lugar, no qual se envolve e se transforma dentro desse espaço de terra. E ora, como não pensar que

essa terra nos constitui e nos faz ser quem somos. O arar e a terra nessa pesquisa se dá a partir do momento em que autoras anteriores abrem discussão para essa temática, permitem novas sementeiras de produções. Assim como se dá pelas participantes, que dentro de uma sociedade que, a meu ver, ainda se vê marcada pelo patriarcado, se mostram e se percebem dentro da autoria de suas vidas. Já que, apesar de ainda ocuparem a esfera privada do lar, permanecem inquietas adentrando a esfera pública de ir à venda, à colheita e buscando semear possibilidades de existir.

A pesquisa também visa ir além do fenômeno investigado ou a ser compreendido, ela perpassa nos novos olhares e novos significados para a pesquisadora. Novas possibilidades de compreensão do existir, novos contatos com as formas de vivenciar o mundo, novas percepções sobre como se dá ao ser mulher rural trabalhadora. Vivenciar a ruralidade em si já traz concepções próprias e singulares de como viver o mundo, imaginar o recorte de gênero dentro desse contexto coloca ainda mais em destaque a obrigação de debater sobre o cuidado e formas de visibilidade ao seu trabalho, que se apresentou ao ir para campo em coleta para entrar em contato com essas percepções pelas participantes.

O método fenomenológico foi de suma importância para o encontro com essas mulheres rurais, visando que ele possibilita um meio de abertura para os desvelamentos de sentidos e percepções. O caminho metodológico permite caminhar junto com as participantes nesse processo de encontro com o outro, proporcionando acolhimento e compreensão dessa dimensão existencial deparada. O que de fato, enquanto pesquisadora é vislumbrado, a cada discurso de participantes escutado e observado, implica e transforma novas formas de perceber, atribuir sentido ou ainda problematizar, tais cenários. Partindo dos pressupostos que a fenomenologia

vai ao encontro, esse caminho perpassa pelas potencialidades encontradas e futuras inquietações instigadas.

Pesquisar dentro do contexto rural é desbravar junto com teóricos e a prática psicológica, o olhar coletivo e composto por relações. O autor referenciado e apoiado durante a pesquisa Maurice Merleau-Ponty destaca que é exatamente ao se relacionar com o outro que me encontro e me percebo enquanto existência e essa processualidade se instaura pelos movimentos corpóreos. Ou seja, o movimentar proporcionado pelo ato corpóreo me leva à compreensão de quem eu sou. Ir ao encontro dessas mulheres, em seus territórios, campos ou terra, foi um momento ímpar durante a trajetória dessa pesquisa, ao perguntar onde elas se sentiam mais confortáveis em realizar suas entrevistas, todas as participantes em momentos diferentes apontaram seus quintais, como uma forma de mostrar onde se inicia seu modo de vivenciar o ser mulher rural.

Tais contatos e encontros foram permeados por atravessamentos, aqui já o encontro da proposta da pesquisa. A mulher rural amazônica se mostra dentro dessa construção, como uma mulher vai ser-além-da-terra, onde se compreende dentro de seus afazeres, ainda marcados por cuidados domésticos, maternos e relacionais, onde se destacam a necessidade de suas performances nesses espaços, tal contexto se encaminham para o que elas pontuam sobre os desafios, vistos como uma forma de aprendizado ou ainda uma possibilidade de oportunidade para lidar com as adversidades dentro do espaço rural, que carrega as singularidades de cada trajetória abordada dentro da pesquisa, enfatizando ainda que por mais que estejam dentro de um espaço familiar ainda necessitam caminhar sozinhas devidas as suas jornadas cruzadas, atividades múltiplas, pois aqui o cuidado é discutido como uma via pública e privada, de casa ao campo, do outro e para mim.

O trabalho rural dessas mulheres está voltado para o plantio, a colheita e o cuidar, tendo como em seus destaques as dificuldades inerentes a ruralidade, o que vai ao encontro do conceito do rural, do agrário, do campo, em específico no contexto do Norte, o campo fica em um lugar mais distante da cidade de Manaus, necessitando de locomoção de rodas ou ainda fluvial para deslocamento de suas casas para pontos de vendas ou ainda distribuição de suas agriculturas, tendo em vista que a possibilidade de ir andando demanda muita energia e, a meu ver, as coloca em exposição de perigos da mata. Assim como, destacam a questão da visibilidade de seus trabalhos, como tendo que se movimentarem para valorização de suas mãos de obras dentro do espaço rural.

O percurso do contato com o trabalho rural dessas mulheres se dá pela aprendizagem transgeracional, a família que já convive ou conviveu no espaço rural e tem conhecimentos das práticas agrárias e as colocam desde a infância para ter esse contato, considerando que muitas das mulheres vivenciam a agricultura familiar, onde todos da família participam do processo de plantação e colheita, nesse movimento de aprendizado se entra em contato com as questões relacionais do corpo, a medida em que elas se relacionam e aprendem os seus trabalhos manuais elas entram em contato com a constituição do reconhecimento de suas existências.

A comunidade dentro do contexto rural é marcada pelo apoio, como via de lazer e forma de aproximação, o apoio surge do encontro de trabalhos onde todos se articulam e se ajudam, sejam em fazer suas farinhadas ao compartilhar arranjos de plantio, até as suas formas de lazer e descontração. Esse contato permite a compreensão da sua existência dentro da dinâmica corpórea de percepção de sentidos do fazer rural e novas possibilidades de vivenciar a ruralidade. A corporeidade aqui apresentada, é experienciada como via de existência e contato com o outro por meio de seu corpo vivido.

A corporeidade na mulher-rural se mostra como um ser em movimento, que se percebe, deseja e se consubstancia por meio de suas vivências do trabalho rural. Em seus discursos, destaca-se que, ao perceberem suas limitações em relação a saúde física, esse corpo que atribui e se movimento constantemente em busca de sentido de existência, no decorrer do tempo apresenta limitações relativas ao envelhecer ou à alta demanda do trabalho, sendo pontuados como uma forma de impossibilidade de exercer o seu ser-rural, ou ainda dentro do espaço privada, colocando-as mais próximas de atividades domésticas ou cuidados familiares, tendo em vista que, para elas o corpo não pode parar!

Em diálogo com o debate de gênero, o ser mulher está dentro de estruturas heteronormativas e patriarcais em que elas exercem um lugar de performances, duplas ou mais jornadas como uma forma de cuidado ou de prática do ser mulher, no contexto rural, a mulher é atravessada ainda por essas questões estruturais, em seus discursos se pontua a necessidade de não parar, em que precisam estar em movimento para se sentirem que são quem são, o ser mulher rural trabalhadora, em que ao se pensar em parar o movimento, se depara a com a possibilidade de não existência.

Nesse percurso, ser mulher rural trabalhadora é atravessado a um corpo que vai ao encontro da terra, estar em contato com as suas práticas agrárias ou rurais, considero a vivência muito própria de sua corporeidade, pois, ao entrarem em contato com a terra através do ambiente social e determinadas alteridades foram o seu senso de identidade, o ser mulher rural, que pertencem a esse território da ruralidade e que se constituem através das relações dadas nesse ambiente rural. Ao pensar sobre como o corpo está presente no espaço de trabalho, as participantes destacaram sobre os seus cuidados, trazendo as discussões de que dentro do

âmbito rural há olhar para si, para as formas que cuidam desse corpo que lhe constituem como sendo que são.

Dentro dessa pesquisa foi se deparado com limitações e desafios, como dito anteriormente, pesquisar no campo rural demanda estrutura e dinamicidade para coleta, em muitos momentos durante as entrevistas as jornadas cruzadas eram evidenciadas, ao mesmo tempo que aconteciam entrevistas as mulheres estavam em cuidados domésticos ou em produção de seus trabalhos e ainda com os filhos, ou ainda, houve em alguns momentos que estavam acompanhadas de seus maridos e não aprofundaram em determinados assuntos. Aqui cabe pensar que estas mulheres foram de um recorte dentro do município de Manacapuru, mas ao mesmo distante da cidade uma vez que moravam em ramais ou estradas, levando um distanciamento de determinadas locomoções.

Acredito que não se deve parar por aqui, ainda surgem e emergem muitas inquietações quando se discute sobre o tema, como se dá em outras intersecções de mulheres rurais, como pensar no trabalho rural de mães solas ou ainda mulheres rurais dentro de questões de raças. Outro desdobramento muito importante, é que as mulheres aqui apresentadas partem de classes diferentes, o que teria espaço para futuras discussões sobre intersecções de classe. Para isso, penso na importância da fenomenologia crítica nesse olhar, amparando-se, ainda, em autoras que buscam subverter as questões de gênero, porém, ao pensar sobre uma fenomenologia que abarca tais desvelamentos, é importante considerar uma visão que enxergue estruturas históricas, sociais e suas interseccionalidades e novas formas de compreensão de mundo. Por fim, para compreender as demandas que perpassam pelo ser-mulher-rural trabalhadora precisamos adotar uma visão crítica e problematizadora sobre meios de visibilidade, ainda mais quando se destaca no contexto nortista em que há múltiplas diversidade de raças e etnias e

fazeres rurais. Além de imaginar uma abordagem e prática psicológica que consiga olhar para essas mulheres por meio de suas intersecções e necessidades de rompimentos de estereótipos do que se espera ser mulher rural. Conclui-se, que as mulheres rurais percebem seu corpo como via de movimento para o fazer rural e, ao mesmo tempo, compõe-se em dois espaços onde estão inseridas, o doméstico e o rural. E, nesse ínterim, lutam para sair da invisibilidade na qual muitas vezes são lançadas e a comunidade é o meio a partir do qual seu trabalho se torna reconhecido. Literalmente, da im-possibilidade se fazem possibilidade, conquanto um corpo que muitas vezes é discriminado por ser-mulher, ser agricultora, ser nortista, ser-amazônida. Entretanto, ela se torna mulher com tudo o que aí está implicado.

## REFERÊNCIAS

- Alves, F. D. (2021). Apontamentos teórico-metodológicos sobre a ruralidade. *Revista Rural & Urbano*. Recife. v. 06, n. 01, p. 27-46.
- Alvim, Mônica Botelho (org). (2015). *Clínica de situações contemporâneas: fenomenologia e interdisciplinaridade*. Juruá, 228p.
- Appolinário, Fábio. (2012). *Metodologia da Ciência: filosofia e prática da pesquisa*. (2 ed). Cengage Learning.
- Barbosa, C. L.; Soares, L. M. (2012). Trabalho Doméstico, Trabalho Desvalorizado, Trabalho De Mulheres. In: *Encontro Nacional Da Rede Feminista Norte E Nordeste De Estudos E Pesquisas Sobre A Mulher E Relações De Gênero*, 17., 2012, João Pessoa. Anais. João Pessoa: UFPB.
- <http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/284/126>.
- Barros, R. A. V., Torres, I. C., de Araujo Soares, A. (2017). Corporeidade e sexualidade do gênero feminino na amazônia. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis.
- Beauvoir, S. (1960/2022). *A força da Idade*. Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (1972/2021). *Balanço Final*. Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (1958/2017). *Memórias de uma moça bem-comportada*. Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (1967/2019). *Segundo Sexo – A experiência vivida*. Difusão Europeia do Livro.
- Beauvoir, S. (1986/2022). *Segundo Sexo – fatos e mitos*. Nova Fronteira.
- Castro, Ewerton Helder Bentes. (2017). *Fenomenologia e psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. (1a ed). Appris.

- Castro, E. H. B., & Meira, J. C. (2024). Fenomenologia crítica: caminhos, possibilidades e perspectivas. *Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, 17(2), 10-41.
- Conselho Federal de Psicologia. (2019). *Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) em questões relativas à terra*. Conselho Federal de Psicologia. Brasília.
- Dentz (FAM/PUCSP), R. A. (2008). Corporeidade E Subjetividade Em Merleau-Ponty. *Intuitio*, 1(2), 296–307. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/4238>
- Faria, L. L., & Curado, J. C. (2018). Mulheres E Ruralidade(S): Nomeações E Sentidos Em Movimento. *Revista AMAzônica*, v.21, n. 2, p. 47-49. <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/5121/4090>
- Feijoo, A. M. L. C. (2011). *A psicoterapia em uma perspectiva fenomenológica-existencial*. Via Verita.
- Forghieri, Y. C. (2003). *Psicologia Fenomenológica: Fundamentos, Método e Pesquisas*. Pioneira.
- Gil, A. C., & Yamauchi, N. I. (2012). O projeto de pesquisa na pesquisa fenomenológica. *Revista de Enfermagem*, 26(2), 565-573. <https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/44.pdf>
- Giorgi, A. Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Fim de século.
- Giovanetti, J. P. (org) (2018). *Fenomenologia e Psicologia Clínica*. Artesã.
- Gomes, R. C. M., Nogueira C. & Toneli, M. J. F. (2016). Mulheres em Contextos Rurais: Um Mapeamento Sobre Gênero E Ruralidade. *Psicol. Soc.*, v.28, n. 1, p. 115-124.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822016000100115&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822016000100115&lng=en&nrm=iso).

Goto T. A. (2008). *Introdução à Psicologia Fenomenológica – a nova Psicologia de Husserl*.

Paulus.

Guenther, L. (2020). *Critical Phenomenology*. In G. Weiss, A. V. Murphy, & G. Salamon.

(2020). 50 concepts for a critical phenomenology. Northwestern University Press. (p. 11-16).

Herrera, K. M. (2016). Da Invisibilidade ao Reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de care. *Política & Sociedade*, 15, 208-233.

Ibarra, A. C. R., Pizzinato, A., & Oliveira, M. Z. de . (2023). Mulheres Agricultoras Do Rio Grande Do Sul: Suas Trajetórias No Contexto Da Produção Agroecológica. *Psicologia & Sociedade*, 35, e263464. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v35263464>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Panorama Censo 2022 – Manacapuru*.

[Banco de Dados].

[https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm\\_source=ibge&utm\\_medium=home&utm\\_campaign=portal](https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal)

Karam, Karen Follador. (2004). A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades.

*Revista Estudos Feministas*, 12(01), 303-320. Recuperado em 25 de julho de 2024, de

[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104026x2004000100016&lng=pt&tlng=pt](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026x2004000100016&lng=pt&tlng=pt).

Lima. R. R. (2020). Notas Sobre As Políticas Públicas Para As Mulheres No Estado Do

Amazonas. *Revista Artigos. Com*, 15, e2972. Recuperado de

<https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/view/2972>.

- Lopes, E. M., Ferreira, C. R. C. & Friedrich, D. R. Psicologia e ruralidades: caminhos para um fazer transformador psicológico. *Psicol. Conoc. Soc.*, v. 8, n. 1, pág. 225-245.  
[http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1688-70262018000100225&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-70262018000100225&lng=en&nrm=iso).
- Maciazeki-Gomes, Rita de Cássia, Toneli, Maria Juracy Filgueiras, Nogueira, Conceição, & Grave, Rita. (2019). Ação política e produção de subjetividade: a herança de terra, trabalho e participação política na produção de um éthos agricultora. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 24(3), 305-316. <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20190031>
- Marx, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004
- Matthews, E (2010). *Compreender Merleau-Ponty*. Vozes.
- Merleau-Ponty, M. (2011). *Fenomenologia da percepção*. Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (2019). *O visível e o invisível*. - 4ª ed. - São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 2000).
- Merleau-Ponty, M. (2001). *Signos*. Editora Martins Fontes
- Minayo, M. C. S. (2012). Análise Qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Rev. Ciência e Saúde Coletiva*, v. 17, n. 3.
- Minayo, M. C. S. (2011). *Psicologia Social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada.
- Miranda, C. M., Barroso, M. F. (2023). Mulheres na Amazônia: lutas em defesa de seus corpos-territórios. *Revista Estudos Feministas*, 31(2), e92873. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n292873>
- Moser, G. (2018). *Introdução à Psicologia Ambiental: pessoa e ambiente*. Campinas, SP. Editora Alínea.

- Nina, Socorro de Fátima Moraes. (2014). Trabalho, ambiente e saúde: cotidiano dos fazeres da mulher rural na Amazônia. [Tese de Doutorado, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4212>.
- Nóbrega, T. P. (2008) Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. *Estudos de Psicologia*. 13(2), 141-148. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/06.pdf>
- Pizzinato, A., Hamann, C., Machado, R. de O., & Strey, M. N.. (2015). Relações de gênero e ruralidade nos projetos vitais e noções de si de jovens mulheres. *Fractal: Revista De Psicologia*, 27(3), 247–255. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1484>
- Prodanov, C. C.; Freitas, E. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. (2a ed). Feevale.
- Salvaro, G. I. J. Estevam, D. O, Felipe, D. F. (2014). Mulheres em cooperativas rurais virtuais: reflexões sobre gênero e subjetividade. *Psicologia: Ciência e Profissão*.
- Sampaio, C. R. B., Nina, S. de F. M., Moraes, R. D. de. (2017). Work Relations and Helping in the Lives of Amazon Rural Women Workers. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 11, 11-21. <https://doi.org/10.5964/ijpr.v11i1suppl.248>
- Savassi, L. C. M; Almeida, M. M.; Floss, M. & Lima, M. C. (2018). *Saúde no caminho da roça*. 1 ed. Editora Fiocruz.
- Schneider, Clair Odete. (2020). Mulheres rurais e o protagonismo no desenvolvimento rural: um estudo no município de Vitorino, Paraná. *Interações (Campo Grande)*, v. 21, n. 2, p. 245-258. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-70122020000200245&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122020000200245&lng=en&nrm=iso).

- Salette Maraschin, M. ., Aparecida de Souza, E. ., Caldeira, S. ., Aparecida Vanelli Nabuco de Gouvêa, L. ., & Salette Tonini, N. . (2019). Perfil sociodemográfico e econômico de mulheres trabalhadoras rurais. *Nursing (São Paulo)*, 22(251), 2848–2853.  
<https://doi.org/10.36489/nursing.2019v22i251p2848-2853>
- Silva, B. N. da, Araújo, V. K. G. de, Silva, A. C. S. da, Nascimento, V. D. M. do, Silva, S. Y. B. e, & Pinto, Érika S. G. (2022). Caracterización del perfil de las mujeres rurales según los factores sociodemográficos, laborales y epidemiológicos. *Revista Uruguaya De Enfermería*, 17(1), e2022v17n1a12. <https://doi.org/10.33517/rue2022v17n1a12>
- Silva, Gabriela Bernardes; Mendes, Paula Pontes Estevane. As relações de gênero na agricultura familiar: a comunidade Ribeirão no município de Catalão (GO). (2015). *Coletânea interdisciplinar em pesquisa, pós-graduação e inovação*. 1. ed. Edgard Blücher, v. 1, p. 229-40.
- Torres, Iraildes Caldas. (2011). *XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (des) Igualdades*. Universidade Federal da Bahia - Salvador.
- Trzan-Ávila, Alexandre. (2019). *Identidade de gênero: performatividade, ser-aí e subversões*. 1. ed. IFEN.

## ANEXOS

### ANEXO I: Roteiro da Entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI

#### Questões Norteadora:

1. *“Como é ser mulher trabalhadora rural?”.*

#### Possíveis Desdobramentos:

1. *“Como você percebe a visibilidade do seu trabalho enquanto mulher rural?”*
2. *“O que é ser mulher trabalhadora rural?”*

## ANEXO II: Termo de Anuência do Centro de Serviços de Psicologia Aplicada

12/12/2023, 06:38

SEI/UFAM - 1829686 - Declaração



Ministério da Educação  
Universidade Federal do Amazonas  
Centro de Serviço de Psicologia Aplicada - FAPSI

### DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que prestaremos apoio, se necessário, aos participantes da pesquisa intitulada: "ARANDO TERRA E SEMEANDO VIDA: corpo e corporeidade de mulheres rurais.", da discente Paula Vitória de Oliveira Teles, sob a orientação do Prof. Dr. Helder Bentes de Castro. Trata-se de uma pesquisa de Mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Atenciosamente,

Manaus, 12 de dezembro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira, Coordenador**, em 12/12/2023, às 06:36, conforme horário oficial de Manaus, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



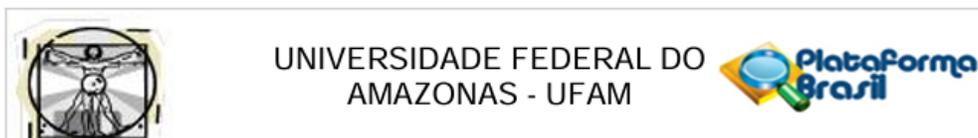
A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufam.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufam.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1829686** e o código CRC **C2B725C4**.

Av. General Rodrigo Otávio, 6200 - Bairro Coroados I Campus Universitário, Setor Sul, Bloco X -  
Telefone: (92) (92) 3305-1181 / Ramal 2583  
CEP 69080-900 Manaus/AM - [cspa.fapsi@ufam.edu.br](mailto:cspa.fapsi@ufam.edu.br)

Referência: Processo nº 23105.054376/2023-66

SEI nº 1829686

## ANEXO III: Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** ARANDO TERRA E SEMEANDO VIDA: corpo e corporeidade de mulheres rurais.

**Pesquisador:** Paula Vitória de Oliveira Teles

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 77110723.9.0000.5020

**Instituição Proponente:** Faculdade de Psicologia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.699.911

#### Apresentação do Projeto:

Resumo:

A pauta sobre a pesquisa de gênero em áreas ribeirinhas, camponesas e rurais vem levantado lacunas de estudo sobre práticas psicológicas. Com isso, por meio de pesquisas em gênero e suas ruralidades, principalmente no contexto Amazônico houveram os seguintes questionamentos: Como é ser mulher trabalhadora rural? Como você percebe a visibilidade do seu trabalho enquanto mulher rural? A partir da questão norteadora e seus possíveis desdobramentos, lança-se o interesse de articular sobre mulheres rurais e o trabalho rural. Este projeto de pesquisa abordará a temática: „Arando terra e semeando vida: corpo e corporeidade de mulheres rurais“, que tem como objetivo Compreender a percepção de mulheres rurais sobre o espaço do corpo e o trabalho rural sob a ótica da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. Para a orientação teórica, será abordado a teoria fenomenologia-existencial, dentro dela o viés

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

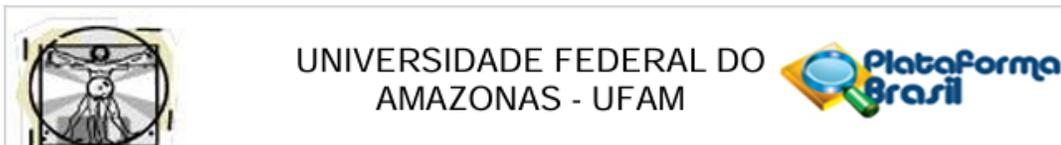
**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3305-1181

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.699.911

de Merleau-

Ponty com conceitos apresentados como corpo e corporeidade. Será utilizada uma pesquisa qualitativa, por meio da amostragem de conveniência e técnica de snowball para coleta de dados. Na análise será utilizado o método fenomenológico de Amadeo Giorgi de pesquisa em psicologia fenomenológica, mediante o uso de diário de campo e entrevista fenomenológica, que partiu da seguinte pergunta: ¿Como é ser mulher trabalhadora rural?¿. Espera-se ao final da pesquisa colaborar com mulheres rurais no sentido de compreenderem a dimensão desse olhar sobre si mesmas para além de quaisquer distorções.

Hipótese:

O contexto rural carrega consigo vários desafios frente ao urbano, ao olhar para mulheres, abre-se uma lacuna para o olhar das suas singularidades advindas desse espaço (Salvaro et al., 2014). Discutir sobre esse espaço rural, bem como as mulheres inseridas nele, possibilitando uma margem para uma construção social que possui um processo de novas incorporações de valores e hábitos, atravessados pelo modo de vivenciar suas vidas. Os autores Silva e Mendes (2015) abordam sobre a importância do gênero feminino dentro no contexto rural, principalmente assumindo como autora do seu trabalho, visto que abre-se camadas acerca do rompimento de ideia de papéis de gênero normativas. Ao olhar para essas mulheres trabalhadoras rurais, permitimos ter uma perspectiva acerca de sua atitude de manutenção e fonte de renda para família, alinhados com o desenvolvimento da agricultura familiar. Assim, desprendendo a ideia de que os seus espaços estão interligados a cuidados.

A forma de trabalho dessas mulheres, por si muitas vezes é realizada de forma

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

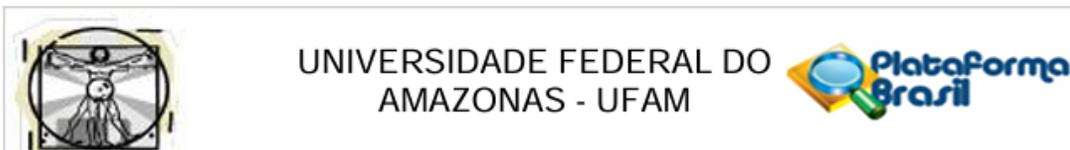
**UF:** AM

**Telefone:** (92)3305-1181

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.699.911

operacionalizada como

afirma Gomes, Nogueira e Toneli (2016), com isso entende-se a necessidade da pesquisa olhar por meio da corporeidade, movimento do corpo que a experiência do trabalho se torna uma história vivida, transformando o contexto rural em um lugar em que traz sentido ao seu mundo. Pois, o corpo é uma forma de existir é por meio dele que se percebe e é percebido, assim compreendendo e aprendendo sentidos existenciais manifestado corporalmente (Castro, 2017). Nesta continuidade, diante dos pontos argumentados, questiona-se: ¿Como é ser mulher trabalhadora rural?¿ Podendo ter desdobramentos, como:

¿Qual a percepção de mulheres rurais acerca do seu corpo como instrumento de trabalho?¿

Metodologia Proposta:

Para melhor compreensão das vivências obtidas no percurso metodológico será adotado a pesquisa qualitativa, que conforme Appolinário (2012) para o entendimento da diferenciação de pesquisa quantidade e qualitativa devemos entender dois termos, o fato e o fenômeno, tendo o fato como algo concreto, objetivo e mensurável enquanto o fenômeno possui um lado de subjetividade e interpretação de tais fatos. A pesquisa qualificativa envolve-se em um espaço de significados, crenças, valores e atitudes correspondendo a um campo profundo das relações, processos e de fenômenos onde não podem ser reduzidos a sistemáticas variáveis, com o intuito de destacar um lado que não perceptível e nem captável de estatísticas e números (Minayo, 2011).

De acordo com Castro (2017), a inserção do método fenomenológico possibilita a psicologia a ter uma postura de pesquisar os fenômenos psicológicos se afastando dos estudos de comportamentos controláveis e observáveis e passa a procurar a questionar as experiências vividas e os significados

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

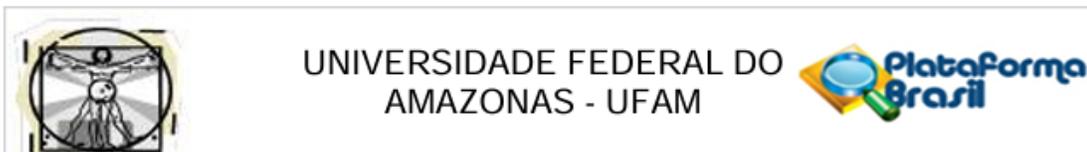
**UF:** AM

**Telefone:** (92)3305-1181

**CEP:** 69.057-070

**Município:** MANAUS

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.699.911

atribuídos por esse

sujeito, assim estabelecendo uma relação de sujeito-objeto-mundo.

Levando em consideração que a pesquisa será guiada com bases da metodologia fenomenológica, a pesquisa qualitativa parte-se da coleta de dados através de interações entre o pesquisador com o fenômeno pesquisado, sendo a compreensão desses dados por meio da hermenêutica do pesquisador, apresentando um distanciamento de regras generalistas (Appolinário, 2012).

Para Minayo (2012), a pesquisa qualitativa tem em conta a singularidade, individualidade e subjetividades das pessoas, bem como as vivências que desenrolam no espaço da coletividade e se dar partir do grupo, para assim possuir um foco em compreensão e aprofundamentos dos fenômenos a partir da percepção do participante a o contexto inserido, tendo como base suas experiências.

Assim o método busca identificar o homem com infinitas possibilidades, bem como buscar suas vivências da consciência por meio da apreensão, pois o fenômeno está para algo da consciência como julgado, imaginado desejado ou intuído pela consciência, sendo assim o fenômeno está incluso todas as maneiras de estar consciente de algo, não precisando de conhecimentos anteriores para assim existir (Castro, 2017). Para além da pesquisa qualitativa, no intuito de obter uma pesquisa mais completa será realizado também uma pesquisa descritiva, com a intenção de buscar por meio da pesquisa descrever a realidade apresentada juntamente com os fenômenos sem interferir durante esse processo, o pesquisador assume o papel de descrever, narrar o que acontece e é apresentada durante a pesquisa (Appolinário, 2012).

Diante a isso, o método adotado para essa pesquisa permite ao sujeito expressar suas subjetividades bem

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

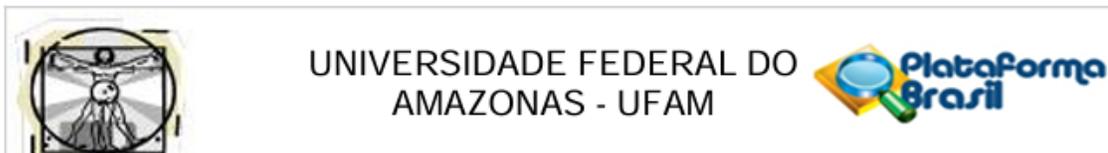
**UF:** AM

**Telefone:** (92)3305-1181

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.699.911

como descrever, para assim proporcionando a possibilidade de ir para além do discurso e permitir emergir na fala do sujeito assim dando um espaço de presentificar a vivência e a experiência compartilhada na posição de que o pesquisador se encontre na magnitude que o pesquisando se expressa (Castro, 2017).

Local da pesquisa (Projeto de Pesquisa.pdf)

Serão realizadas entrevistas com mulheres residentes de zona rural, em específico da comunidade Caldeirão, localizada no Município de Iranduba no estado do Amazonas.

Participantes da pesquisa (Projeto de Pesquisa.pdf)

Deverão ser considerados participantes, 08 mulheres amazônidas e trabalhadoras rurais. A amostragem será por conveniência, tendo em vista, que a pesquisadora possui vasta vivência no acompanhamento das pessoas na condição supracitada e, portanto, pertencem às relações sociais delas. A seleção será pelo método snow ball, onde a primeira será contactada e será solicitado que indique outras possíveis participantes. Além disso, é necessário que concordem em participar da pesquisa de modo voluntário.

Metodologia de Análise de Dados:

Para análise, sob o olhar da fenomenologia-existencial, a pesquisadora tem a possibilidade de entrar em um lugar de mensageira das narrativas das participantes, em um processo recíproco de corresponder com a fala que se desdobra quando a escuta e se des-prende como a escuta que se dá simultaneamente no responder, como Heidegger em sua perspectiva ontológica, sendo assim inicia-se o processo de falas e escutas da entrevista (Castro, 2017).

Será adotado no percurso da análise, a metodologia preconizada por Amadeo Giorgi com o recurso do uso

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

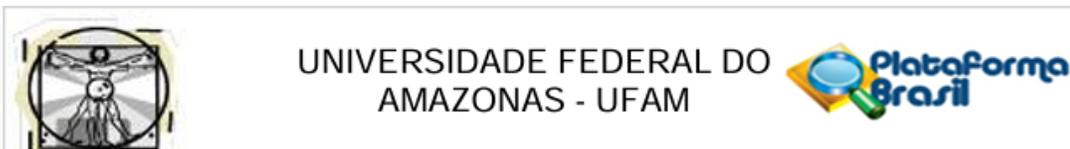
**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3305-1181

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.699.911

de entrevistas audiogravadas, que, de acordo com Giorgi e Sousa (2010), se guia pelos seguintes passos:  
 1º) Estabelecer o sentido todo: momento de imersão onde será realizada leitura cuidadosa e integral do material coletado na busca de descrever o conteúdo vivenciado pelas participantes e colocando a atitude de redução fenomenológica pela investigadora.

O segundo passo será 2º) Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado: retomada a leitura do protocolo, onde haverá o momento de discriminação das falas. A releitura e leitura das entrevistas serão realizadas no intuito de identificar as unidades de significado dentro das concepções teóricas do pesquisador.

Em continuidade, o terceiro passo 3º) Transformação da Unidade de Significado e, Expressões de Caráter Psicológico: ocorrerá a transformação de linguagem cotidiana (senso comum) das participantes em expressões de caráter psicológicos. Esse processo será por meio da postura reflexiva e imaginativa diante das unidades de significado que emergiram no passo anterior por meio de interpretação da pesquisadora em uma postura da redução fenomenológica.

E o último passo, 4º) Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos: momento de síntese e descrição, por meio da integração dos

insights da pesquisadora, onde será realizado o mapeamento de atribuições dos sentidos, no intuito de alcançar a compreensão do fenômeno pesquisado e, por fim, a categorização das temáticas.

**Critério de Inclusão:**

Serão consideradas critérios de inclusão as seguintes características: a) se identificar como mulher; b) ser trabalhadora rural, podendo ser agricultora ou fornecedora da principal renda; c) com idade entre 18 e 65

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

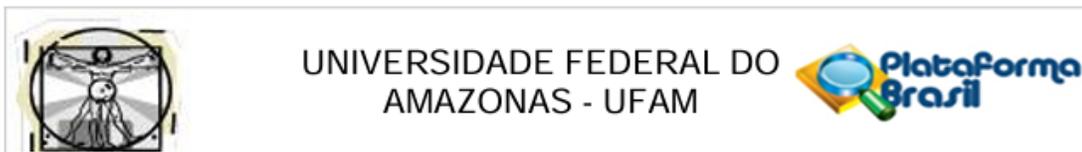
**CEP:** 69.057-070

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3305-1181

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.699.911

anos e d) residentes na área rural do estado do Amazonas.

**Critério de Exclusão:**

Para os critérios de exclusão serão considerados as seguintes características: a) ser portadora de quaisquer transtornos cognitivos que dificultem a compreensão da proposta de pesquisa; b) estar sobre efeito de medicamentos ou substâncias lícitas ou ilícitas que impeçam a compreensão e colaboração na pesquisa;

Tamanho da Amostra no Brasil: 8

O Cronograma de Execução está detalhado e prevê as etapas:

Submissão do projeto no conselho de ética 18/12/2023 05/01/2024

Elaboração da dissertação/TCC 05/02/2024 23/08/2024

Coleta de dados 04/03/2024 31/05/2024

Análise de Dados 01/04/2024 02/08/2024

Defesa 26/08/2024 30/08/2024

O Orçamento está detalhado e prevê um custo total de R\$ 1.607,50.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Compreender a percepção de mulheres rurais sobre o espaço do corpo e o trabalho rural sob a ótica da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty.

**Objetivo Secundário:**

Conhecer como o trabalho está sendo vivenciado no cotidiano das mulheres rurais;

Identificar estratégias de visibilizar ser mulher provedora de renda da família;

Entender as percepções das mulheres no âmbito rural no processo de corporeidade e trabalho.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

De acordo com o(a) pesquisador(a) responsável:

**Riscos:**

A pesquisa apresenta riscos mínimos nas áreas intelectuais, emocionais, culturais, sociais e morais; e não apresenta riscos físicos para o voluntário. Todavia, caso o participante apresentar alguma

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

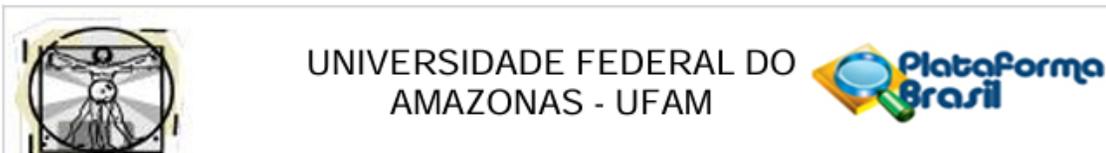
**CEP:** 69.057-070

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3305-1181

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.699.911

situação que o mobilize direta ou indiretamente ou, ainda, constrangimento em qualquer aspecto, a pesquisadora realizará o acolhimento inicial e, caso necessário, encaminhará a participante para acompanhamento psicoterápico no Centro de Serviços de Psicologia Aplicada - CSPA que é realizado em 20 sessões presenciais ou on-line.

**Benefícios:**

Para comunidade acadêmica/científica proporcionar conhecimento sobre a percepção das mulheres rurais acerca da sua corporeidade na dinâmica do trabalho, além de para as participantes visibilizar um momento de compreensão de suas percepções diante ao corpo.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de protocolo de 2ª versão do projeto *¿ARANDO TERRA E SEMEANDO VIDA: corpo e corporeidade*

de mulheres rurais, da pesquisadora PAULA VITÓRIA DE OLIVEIRA TELES, sob orientação do Professor(a) Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro. O Projeto de pesquisa foi apresentado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial ao exame de qualificação.

O protocolo trata de projeto que deve atender as Resoluções 466/2012-CNS 510/2016 - CNS.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

**FOLHA DE ROSTO:** ADEQUADA. Apresentada no arquivo *FolhaDeRostoassinado.pdf*, com a assinatura da pesquisadora e do Coord. do Mestrado em Psicologia (PPGPSI UFAM), Breno de Oliveira Ferreira, como instituição proponente.

**TERMO DE ANUÊNCIA CSPA:** ADEQUADO. Apresentado no arquivo *termoCSPA.pdf*, a anuência assinada por Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira, Coordenador do CSPA.

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

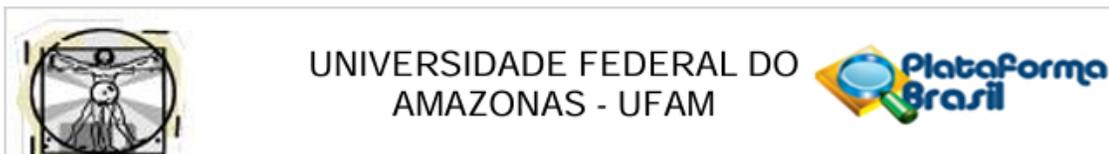
**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**Telefone:** (92)3305-1181

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.699.911

METODOLOGIA PROPOSTA: ADEQUADA. Apresentada nos arquivos  
PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2258233.pdf e ProjetoDePesquisa.pdf.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: ADEQUADO: Apresentado como anexo no arquivo  
RoteiroDeEntrevista.pdf.

TCLE: ADEQUADO . Apresentado no arquivo TCLE.pdf, atendeu às solicitações presentes no primeiro  
parecer.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Em vista do atendimento às solicitações do Parecer 6.648.858, somos favoráveis à aprovação do Projeto.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2258233.pdf	15/02/2024 15:45:18		Aceito
Outros	RESPOSTA_CEP_assinado.pdf	15/02/2024 15:44:28	Paula Vitória de Oliveira Teles	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDePesquisa.pdf	15/02/2024 15:43:55	Paula Vitória de Oliveira Teles	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	15/02/2024 15:43:06	Paula Vitória de Oliveira Teles	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	15/02/2024 15:42:41	Paula Vitória de Oliveira Teles	Aceito
Outros	RoteiroDeEntrevista.pdf	12/12/2023 15:32:32	Paula Vitória de Oliveira Teles	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termoCSPA.pdf	12/12/2023 15:31:54	Paula Vitória de Oliveira Teles	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	12/12/2023 15:31:38	Paula Vitória de Oliveira Teles	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRostoassinado.pdf	12/12/2023 15:28:59	Paula Vitória de Oliveira Teles	Aceito

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

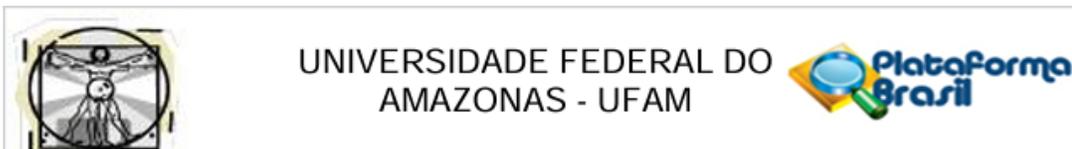
**UF:** AM

**Telefone:** (92)3305-1181

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.699.911

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MANAUS, 13 de Março de 2024

---

**Assinado por:**  
**Eliana Maria Pereira da Fonseca**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**Telefone:** (92)3305-1181

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com

#### **ANEXO IV: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar da pesquisa “ARANDO TERRA E SEMEANDO VIDA: corpo e corporeidade de mulheres rurais.”, sob orientação do Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro e responsabilidade do(a) pesquisador(a) Paula Vitória de Oliveira Teles, encontrado na Universidade Federal do Estado do Amazonas (UFAM), Manaus, ou pelo telefone (92) 99156-2344, ou e-mail: paulavr74@gmail.com. A pesquisa tem por objetivo compreender a percepção de mulheres rurais sobre o espaço do corpo e o trabalho rural sob a ótica da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. Sua participação é voluntária e se dará por meio da participação em reuniões para discussões grupais. Os riscos de participação são mínimos, resumindo-se ao constrangimento ou desconforto, porém havendo qualquer indício desses, a pesquisa será interrompida de imediato, o pesquisador fará o acolhimento inicial e o(a) encaminhará para acompanhamento psicológico. Este acompanhamento tem duração média de 50 minutos e será levado a efeito no Centro de Serviços de Psicologia Aplicada (CSPA/FAPSI/UFAM) e realizado em mais ou menos 20 sessões.

Convém ressaltar que se o senhor (a) precisar se deslocar para a realização da pesquisa, o pesquisador se colocará em disponibilidade para ressarcimento de despesas relativas a deslocamentos, dentre estas, relacionadas também a transporte e alimentação. Assim sendo, se o senhor(a) sofrer quaisquer danos materiais ou imateriais relacionados às etapas da pesquisa ou dos resultados do processo de pesquisa, o pesquisador indenizará conforme prescrito na legislação brasileira, considerando o Art. 20, inciso XXIV e XXV da Resolução CNS 510/16 que embasa a pesquisa com seres humanos nas Ciências Humanas e Sociais. Se o senhor (a) quiser se retirar da pesquisa, poderá fazê-lo sem que isso interfira no seu acompanhamento na instituição de saúde (CAPS).

Se o(a) Sr.(a) aceitar participar, estará contribuindo diretamente para comunidade acadêmica/científica proporcionar conhecimento sobre a percepção das mulheres rurais acerca da sua corporeidade na dinâmica do trabalho, além de para as participantes visibilizar um momento de compreensão de suas percepções diante ao corpo, bem como refletir sobre seu olhar ao corpo e trabalho.

O procedimento adotado será uma entrevista áudio gravada com duração mínima de uma hora. A entrevista é confidencial e sigilosa, ou seja, seus dados pessoais não serão divulgados e os dados obtidos serão utilizados apenas para fins deste estudo.

Sua participação neste estudo é voluntária. O (a) senhor (a) pode retirar-se a qualquer momento, não havendo qualquer tipo de prejuízo à sua pessoa. Sendo o (a) senhor (a) participante deste estudo, terá sempre que necessário, esclarecimento de dúvidas no que diz respeito a qualquer etapa deste estudo, podendo entrar em contato com o pesquisador, seu orientador e ainda no Comitê de Ética em Pesquisa: Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, CEP: 69057-070 – Manaus–AM. Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004 / E-mail: cep.ufam@gmail.com.

Se depois de consentir em sua participação o(a) Sr.(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O(a) Sr.(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Para qualquer outra informação, o(a) Sr(a) poderá entrar em contato com o(a) pesquisador(a) Paula Vitória de Oliveira Teles, no endereço acima citado.

Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e por que precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa referida neste documento, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do Pesquisador



Impressão do dedo  
polegar, caso não saiba  
assinar.